

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 108



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

OS BANDIDOS DE PALERMO



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA e SOUSA
COMPELIMP NA EMP. LUSITANA EDITORA
C. do FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. do FERREGIAL, 23, LISBOA

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação

● científica ao alcance de todos ●

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pe-
quenas obras, de maneira a desenvolver nos menos illus-
trados o go to pelos estudos scientificos, tão necessarios
para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primo-
rosa collecção, que en-errará verdadeiras obras primas, de-
vidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que incia a sé-
rie da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o
mais colossal dos exitos.

No preço:

- Atravez do Espaço, por Camillo Flammarion
- Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky
- As Estrellas e os cometas, por Secchi
- O Panorama dos Seculos, por J. Weber
- A Intelligencia e o cerebro, por G. Matisse
- Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
- O Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux e Mathieu
- A Fisiologia de Espirito, por Paulhan etc. etc.

100 rs. CADA VOLUME BROCHADO E 100 rs.
=NITIDAMENTE IMPRESSO=

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

- I Obscenidades primitivas—A Prostituição na An-
tiga Grecia 300
 - II Impudicicias de Roma Primitiva—Derassidão
dos Romanos 300
 - III Desmoralisação Francaeza—Tempos modernos . 300
- No preço:
- IV (e ultimo volume) Tempos modernos 300

Um romance completo per OS BONS ROMANCES 200 REIS

Publicação mensal de grande formato

==CADA VOLUME CONTEM==
== 14:00 LINHAS ==
DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

- O homem das multidões, de Pierre Zaccane.
- O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
- A aposta maldita, por Jules de Gastyne.
- Os Facas d'Oiro, por Paulo Féral
- As filhas do povo, por Alexis Bouvier.

No preto:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escrupu-
losa attenção, comporão uma verdadeira biblio-
theca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

● REIS ● um bom romance completo

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente
ilustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ ◆ Edições luxuosissimas ◆ ◆ ◆
com bellas e numerosas gravuras intercalladas
◆ ◆ ◆ no texto ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituída por edições luxuosas e ar-
tisticas; e insere as obras primas dos maiores escriptores mo-
dernos.

Volumes publicados:

- I—Ditosa lar, por Marcel P. éonst
- II—Aphrodite, por Pierre Louys
- III—Prima Laura, por Marcel P. éonst

500 Rs. Preço de cada volume 500 Rs.
brochado

ACD
823-91
D598.99
247
V. 5 no. 108

OS BANDOIOS DE PALERMO

por Conan Doyle

CAPITULO I

Um creado fiel

Em principios de janeiro, alta noite já, dois homens, vestidos com a maior elegancia, estavam sentados em fôfas poltronas, lendo os jornaes do dia, respirando a tepida viração que soprava da formosa praia de Palermo e que entrava pelas janellas, abertas de par em par, do seu quarto do Hotel de Saboya.

A tepida viração fazia ondular suavemente os cortinados das janellas.

Das janellas via-se o amplo mar, cuja superficie, encrespada pelo vento, era sulcada por innumeraveis barcos de pesca e por grandes embarcações que se dirigiam para o Egypto, Hespanha e França.

Ao cabo de prolongado silencio, um d'esses homens, o mais edoso, magro, sem barba e feições um tanto duras:

—A noite está tão linda e a viração é tão suave que não posso estar mais tempo n'este quarto. Deixa de ler, Harry, e vamos dar um passeio por este bello jardim da bonita Italia.

«Sinto-me deliciosamente bem aqui, nunca gosei mais. Na nossa querida Inglaterra, n'esta occasião, sentem-se com certeza os rigores do frio do inverno,

ao passo que em Palermo gozamos uma agradável primavera.

«Quanto desejava permanecer por algum tempo, embora não fosse senão por algumas semanas, n'esta deliciosa ilha!

E, levantando-se, foi buscar o chapéu e a bengala, preparando-se para sair do quarto.

Ao chegar á porta; notando que o seu jóven companheiro não se mexia de onde estava, de embevecido que se encontrava na leitura do jornal, disse-lhe: —Queres deixar-me ir sósinho dar o passeio que tenciono pela formosa costa e pelos campos? Poncas vezes te vi tão absorto na leitura.

—Desejo que tome conhecimento do que o jornal diz, sr. Holmes... desculpe, sr. Fullerton, como que lhe chamem aqui, replicou Harry, estendendo ao celebre criminalista o jornal.

Via-se n'elle um dos artigos marcado com lapis vermelho.

Harry Taxon acrescentou, approximando-se do mestre:

—São noticias muito importantes para o sr. Holmes.

—Não sabes, Harry, que estamos em ferias e que durante este tempo...?

—Desculpe-me o responder-lhe, mas encarregou-me de não deixar passar nada nos jornaes que seja de interesse para um policia, sem lh'o communicar. Vem aqui narrado o inexplicavel desaparecimento de umas jóvens e distinctas senhoras, nossas compatriotas.

O criminalista pogueo no jornal começou a ler o artigo marcado com lapis encarnado.

Pouco depois dizia, como que fallando comsigo mesmo:

—Conta-se aqui que ha mezes desappareceram repentinamente de um dos melhores hoteis duas jovens senhoras, ao que parece irmãs, sem communicarem para onde iam. Julga-se que eram actrizes inglezas.

«Ha dias foi recebida no hotel uma carta anonyma, pelo que se pensa, com certo fundamento, que se trata de um crime perpetrado contra as duas irmãs.

«O *signor* Martinelli, dono do hotel em que essas jovens estavam hospedadas quando desappareceram entregou a carta anonyma á policia, a qual tem diligenciado descobrir o paradeiro das duas irmãs, não tendo, porém, obtido resultado algum.

Sherlock Holmes dobrou o jornal, acrescentando:

—O caso é deveras importante, mas o melhor agora é oxxygenarmos os pulmões com o ar puro do mar, pois farto de respirar ar corrompido estou eu.

Estas palavras foram interrompidas por alguém que batia á porta.

—Entre quem é! disse o criminalista.

Entrou um creado, que, fazendo uma reverencia, disse:

—Queira desculpar, *signore*. Desejam fallar-lhe. Quer que mande entrar o visitante?

—Quem é e o que quer? perguntou o celebre criminalista com o seu habitual laconismo. Diga-lhe; com toda a franqueza que vem em muito má occasião, porque vou sair.

—Já lh'o disse, replicou o creado, mas faz-se desentendido e respondeu-me que o caso era urgente e que não podia voltar a outra hora Acrescentou que demoraria pouco.

—Diga-lhe, então, que entre.

Momentos depois, apparecia á entrada da porta do quarto um joven dos seus vinte e cinco annos, em cujo rosto se notavam signaes de cansaço, devido á pressa com que percorrerá o caminho.

—Tenho a honra de estar em presença do sr. James Fullerton? perguntou o visitante, fazendo uma profunda inclinação.

—Sou eu, respondeu o criminalista. Que deseja de mim?

—Trago este bilhete para lhe entregar.

E o joven tirou da carteira um subscripto escripto por mão de mulher, em que se lia o nome de Fullerton.

—Tem resposta? pergunteu o criminalista rasgando o sobrescripto e percorrendo rapidamente as poucas linhas da missiva.

—A minha ama espera que o senhor vá commigo, replicou o joven, enquanto o criminalista lia a carta.

Sherlock Holmes, manifestando no rosto uma certa commoção, disse:

—Assim m'o dizem aqui. Essa senhora vive na via Cassera, muito proximo de um dos arrabaldes de Palermo?

—Sim, senhor.

—O caminho é bom até lá? perguntou o criminalista.

—Se andarmos depressa, levaremos pouco mais de meia hora.

—Vou pôr-me a caminho immediatamente, disse Sherlock Holmes.

Deu a mysteriosa missiva a Harry Taxon, que até esse momento o olhára surprehendido.

O criminalista e o seu ajudante dirigiram-se para o quarto contiguo, e Sherlock Holmes munuiu-se de armas.

—Mas quer, na realidade, encarregar-se do caso? perguntou o joven ajudante Harry Taxon.

—Certamente que sim, respondeu o criminalista.

«Essa senhora chama-me como um compatriota. Dirigiu-se-me apenas leu o meu nome na lista dos estrangeiros. Segundo o que diz, parece que se encontra em grande perigo. Além d'isso, creio, ao que se deprehe de las ultimas linhas, que me quer dar informações acerca do mysterioso desapparecimento das jovens senhoras ás quaes se refere o *Giornale di Sicilia*.

—Olhe que é muito tarde, sr. Holmes, replicou Harry Taxon. Não será alguma cilada que lhe armem? Temos muitos inimigos e estas terras sicilianas são muito perigosas para as pessoas que, como nós, exercem a profissão de perseguir os criminosos.

«Não digo isto por desconfiar do mancebo que trouxe a carta de miss Catalina Robinson. Parece um creado fiel e desejoso de obedezer a sua ama, mas...

—E' essa tambem a minha opinião, disse Sherlock Holmes, e creio que os seus receios são infundados. Em todo o caso, demorar-me-hei apenas o tempo necessario em casa d'essa senhora. D'aqui a umas seis ou sete horas o maximo estarei de volta.

«Não deixes, pela tua parte, de dar um passeio pela praia.

Harry Taxon, em cujo rosto se lia certa inquietação, replicou:

—Se quer que lhe falle com franqueza, deseja acompanhá-lo, sr. Holmes.

—Não pôde ser, disse o criminalista. Essa senhora diz-me claramente que apenas quem trouxe a carta é que deve acompanhá-la.

«Por motivos que pôdes adivinhar, deseja que ninguém conheça que tem ao seu serviço um creado tão novo.

«Para o que possa occorrer, basta que saibas onde vou.

Tomaste nota da direcção?

— Sim, sr. Holmes. Via Cassera, via Roma, respondeu Harry Taxon.

— Se me demorar, é signal de que me succeder alguma coisa. Logo que possa, voltarei. Se o não puder fazer, mandar-te-hei noticias. Amanhã de manhã o mais tardar estarei junto de ti.

E apertando calorosamente a mão ao seu ajudante, saiu do hotel em companhia de Stefano, assim se chamava o joven creado.

Depois de terem percorrido algumas ruas bem illuminadas, chegaram á via Cassera, que não era já tão illuminada; principalmente no meio e na extremidade.

Depois de terem andado durante algum tempo, sem que se encontrasse viv'alma, vendo apenas d'um lado e outro fragantes laranjaes, Sherlock Holmes parou de subito.

As palavras do seu ajudante e amigo Harry Taxon, que n'esse momento lhe tinham occorrido á mente haviam-n'o impressionado. Não estava longe de orer em que os receios do joven não eram infundados; pelo que resolveu experimentar aquelle que o guiava.

— Onde quer levar-me? perguntou elle com certa desconfiança.

— A villa Roma, respondeu o siciliano, um tanto admirado.

Sherlock Holmes olhou em volta. Não viu ninguém Tirou de repente o revolver do bolso e apontando-o á cabeça do creado, assustado, disse em tom ameaçador:

— Só quero mostrar-lhe, Stefano, ao que se expõe se me levar para sitios oscuros e suspeitos.

— Afaste a arma, disse o rapaz, a tremer. Nada de mau intento.

Bem, replicou o criminalista, creio que bastará a ameaça. Advirto o, porém, de que logo que note que procura levar-me para sitios afastados e suspeitos dispararei sobre si sem contemplação alguma. Comigo não se brinca.

Sem trocarem mais palavra, continuaram a caminhar durante algum tempo, parando finalmente em frente d'uma villa rodeada de altos muros. No meio d'um grande parque via-se uma casa, a ultima que se encontrava na via Cassera.

A villa estava envolta n'aquelle momento em densa escuridão, [devido á luz se encontrar occultá por detraz de grandes nuvens que toldavam o firmamento. Na parte da frente do parque estendia-se, em guiza de muro, uma grande e formosa grande de ferro que deixava passar o exterior o suave e embriagador perfume dos jasmims e laranjaes.

O siciliano indicou ao criminalista que o seguisse para a parede lateral, parando em frente d'uma pequena porta que ali se via. Stefano abriu-a com ra-

pidez e depois de ambos terem penetrado no parque fechou-a com o maior cuidado.

No parque notava-se muita desordem e descuido. Parecia que ha alguns annos o não tratavam.

Perto de casa viam-se estatuas de marmore e re-puxos, mas que não funcionavam.

Reinavam ali funda solidão e silencio.

Apenas o siciliano abriu uma das portas exornadas do parque pela qual se entrava na casa, Sherlock Holmes mettu de novo a mão no bolso e empunhou o revolver.

Ordenou a Stefano que seguisse na frente, indo elle atraz, observando com attenção tudo o que o rodeava.

Ao passarem em frente de uma janella, um raio da lua, que n'esse momento surgira d'entre as nuvens, illuminou o pavimento de marmore.

O siciliano parou. Estavam em frente d'uma porta.

— Antes de proseguir, disse Stefano a meia voz, devo dizer-lhe que, sob sua palavra de honra, tem de comprometter-se a nada contar do que vir esta noite aqui e especialmente do modo como procedi para o trazer a casa de miss Robinson.

— Prometto-lhe guardar absoluto silencio, volven Sherlock Holmes. Basta, porém, de conversa. Leve-me o mais depressa possível á presença de sua ama.

Sem acrescentar mais palavra, Stefano indicou uma outra porta ao criminalista, transposta a qual se encontraram n'uma escada.

Subiram-na com a maior cautella. Ao chegar quasi ao cimo, ouviu-se uma voz que parecia soltar imprecações.

A primeira coisa que o genial criminalista fez, ao ouvir-a, foi assestar o revolver na direcção d'onde essa voz partia.

O siciliano parou de subito. Depois, disse a meia voz:

— Temos de dar uma volta, senhor, porque vejo que ha luz no caminho.

— Para a frente! replicou o criminalista. Estou prevenido e não me agrada caminhar no meio da escuridão.

Sherlock Holmes ia proseguir para a frente, quando o siciliano se lhe poz na frente, segurando-lhe o braço e a maior angustia e impellido-o para uma porta ao lado da escada, dizendo-lhe:

— Por Deus, senhor!... O criado de confiança do marquez vem em direcção a mim. Se temos a desgracia de nos ver mata-nos sem duvida alguma.

Sherlock Holmes olhou na direcção do que se approximava, vendo n'esse momento um raio de luz bater na escura porta onde os dois se encontravam.

Alguem se approximava, trazendo uma lanterna. Antes que pudesse conhecer quem era, o crimina-

lista viu afastar-se d'ali o mysterioso importuno. O siciliano e Sherlock Holmes quasi se não atreviam a respirar, para não despertarem a attenção. Stefano suava por todos os poros, com medo e receio de que voltasse.

Finalmente, o siciliano, em tom alegre, exclamou: —Tivemos sorte. Se nos visse, estavamos perdidos. Esse homem é terrível.

Apoz alguns minutos de profundo silencio e de caminharem com a maior precaução, encontraram-se em frente d'uma porta fechada.

Sherlock Holmes abriu-a muito devagar com a sua gazeta, examinou e aposentou a que ella dava entrada e viu a um lado uma escada que servia para dar a volta que o joven siciliano propuzera.

Estavam já, no cimo escada, quando lhes appareceu quasi na frente um homem vestido de preto, ao que parecia de força herculea e de fórmas agigantadas, que trazia na mão uma lanterna acesa.

Mercê d'essa luz, Sherlock Holmes poudo ver o rosto d'esse homem.

Sem os ver ainda, a mysteriosa personagem afastava-se.

Quando já estava distante, o siciliano, approximando-se do ouvido do criminalista, disse:

—Approxima-se o momento supremo, decisivo. Espere-me aqui. Vou ver se ha luz no corredor.

E afastou-se, subindo um novo lanço de escadas. Instantes depois, tinha voltado, todo tremulo.

Pôz um dedo nos labios e fez signal a Sherlock Holmes para o seguir, para darem uma nova volta.

Voltaram para traz. Quando, estavam quasi no fim do percurso, appareceu-lhes na frente o mesmo homem.

—Que havemos de fazer, senhor? disse Stefano a tremor.

—Socegue, respondeu o criminalista. Deixe o caso por minha conta.

Apenas estas poucas palavras tinham sido trocadas entre os dois, de subito aquelle que parecia seguir-os como uma sombra surgiu, soltando um grito de raiva e puxando por um revolver.

Não passára despercebido o rapido movimento ao criminalista, que lhe ordenou em italiano.

—Pare!

E, ao mesmo tempo, assestou contra elle o seu revolver.

—Traidores! exclamou o creado do marquez, preparando-se para dar ao gatilho.

Mas, antes d'elle o fazer, Sherlock Holmes disparou, indo a bala partir a lanterna em mil estilhaços.

O creado respondeu disparando duas vezes a seguir, sem porém acertar no alvo.

O criminalista fez de novo fogo, attingindo o adversario na cabeça.

Quasi que immediatamente, sentiu Sherlock Holmes cair sobre elle o pezado corpo de um homem, que se arrojára sobre elle; travando se então uma lucta terrível corpo a corpo, terrível não só pela força herculea que o ferido tinha, mas ainda por ser na escuridão.

O criminalista não podia livrar-se das mãos do adversario e comprehendeu que tinha de o matar ou ser morto.

A lucta foi medonha, ainda que curta. D'ahi a momentos, o agressor caiu como uma massa inerte, sentindo Sherlock Holmes correr-lhe pelo rosto um liquido quente e ouvindo ao mesmo tempo como que um gemido.

Puxou repentinamente pela sua lanterna electrica do bolso e fez incidir os raios sobre o chão.

O homem de força herculea jazia por terra, sem movimento. Na testa via-se-lhe um profundo ferimento.

Curvou-se para elle, a fim de o examinar.

Algun tanto afastado do local em que se travára a lucta, na qual não tinha sido forçado a intervir, estava, cheio de indizível terror, o joven siciliano.

Reposto, um tanto do terror que sentira, aproximou-se do grande criminalista e disse-lhe com voz tremula:

—Está realmente morto?

—Sim, respondeu Sherlock Holmes com a maior tranquillidade.

—Grande Deus! Que succederá? Estamos perdidos! exclamou o siciliano.

—Quem é que nos ha de perder? interrogou Sherlock Holmes.

—O marquez, respondeu o siciliano. Como vai ficar furioso quando souber que o senhor matou o seu homem de confiança!

—Não, enganaste-te, replicou o criminalista. Foi elle proprio causador da sua morte. Quiz servir-se do revolver para atacar, foi justo que morresse n'essa lucta iniqua.

—Pelo menos, voltou o siciliano, devemos logo que nos seja possível, tentar occultar o cadaver, a fim de que ninguém saiba o que aconteceu e que, sendo conhecido, vai pôr em alvorço toda a casa.

—Parece-me que o melhor logar para o occultar, disse Sherlock Holmes, é a adega, onde, com certeza, ninguém o encontrará, pelo menos por enquanto.

—Vou indicar-lhe o caminho.

—Vamos immediatamente, disse o celebre criminalista. Pegue na lanterna e siga na frente. Levarei eu o cadaver.

Pegou n'elle e dirigiram-se para a adega, chegando ali sem terem encontrado ninguém.

Collocaram-no entre umas pipas e caixas vãsias que estavam a um canto, e voltaram apressadamente ao local onde se tinha travado a terrível lucta.

Subiram pela mesma escada, chegando pouco depois de frente d'uma porta. O siciliano parou de subito, aterrado, como se se lhe representasse perante o olhar a figura do creado morto.

Fazendo em seguida um esforço, abriu a porta, entrou, voltando a apparecer d'ahi a momentos.

Instantes depois, o criminalista estava em frente d'uma formosa e jovem senhora, de rosto moreno, que o acolheu com signaes evidentes do maior interesse e respeito.

CAPITULO III

Auxilio oportuno

Apoz as primeiras saudações, a joven, que no bilhete que escrevera ao criminalista se assignára, como Catalina Robinson, disse-lhe, de veras comovida:

—Causa-me verdadeira admiração, sr. Fullerton, como podes chegar até aqui.

—Nem vale a pena fallar em tal. Em que posso ser-lhe util? Appello para mim na qualidade de compatriota. Aqui estou disposto a defendel-a até onde cheguem as minhas forças.

—Agradeço-lhe esse offerecimento de todo o meu coração, exclamou miss Robinson com enthusiasmo. Sabia já que um compatriota não me abandonaria. Sou uma pobre e indefeza mulher e não tenho aqui ninguém em quem possa confiar. Apenas no senhor tenho esperança e conho em que me salve. Entrego-me nas suas mãos por completo.

—Stefano contou-lhe tudo o que nos succedeu, antes d'aqui entrar? perguntou o criminalista.

—Sei tudo, retorquiu miss Robinson com vivacidade e denotando no rosto certo assombro. Mandei-o chamar, porque estou sequestrada.

O homem que desapareceu do numero dos vivos era o creado de confiança do marquez, que exercia, por ordem d'este, a mais rigorosa vigilancia e uma continua espionagem em volta de mim.

«Tinham-me dito que esta noite elle não estaria em casa. Por esse motivo me atrevi a escrever ao senhor. Enganaram-me.

—Esse homem incommodava-me então? perguntou Sherlock Holmes, lembrando-se d'aquele criado. A miss Robinson responder, quando se ouviram passos na escada que conduzia para o aposento onde se encontravam.

—Aproximava-se alguém.

Sem preferir uma unica palavra, a joven pegou n'um braço do criminalista e levou-o para o seu quarto, contiguo áquella sala,

—Ali, abrindo o guarda-vestidos, pediu-lhe para se occultar dentro d'elle.

Mal tinha tido tempo o criminalista de se occultar, quando se abriu a porta da sala proxima e appareceu um creado envergando libré, o qual olhou em roda como se procurasse alguém ou alguma coisa.

Miss Robinson dirigiu-se-lhe, dizendo com o maior naturalidade:

—Ah! E' Guiseppe?

O creado inclinou-se e respondeu:

—Venho da parte do sr. marquez, porque ha uma hora mandou aqui Luigi com um recado e ainda não appareceu. O sr. marquez disse-me que viesse perguntar á senhora se succedeu alguma coisa.

—Luigi não me deu recado algum, respondeu miss Robinson com socego. Nem sequer o vi.

O creado encolheu os hombros perante a resposta tão categorica e fazendo uma nova reverencia, afastou-se.

A joven ia dirigir-se para o guarda-vestidos onde Sherlock Holmes estava occulto, a fim de lhe contar o que se tinha passado, quando abrindo-se a porta de uma sala, appareceu um elegante e, ao que parecia, distincto official com o uniforme do commandante dos *bersaglieri*, de guarnição em Palermo.

Devia ter uns quarenta annos.

—Aproximou-se da formosa joven, com o rosto carregado, dizendo em tom impregnado de dureza:

—Ha pouco, mandei aqui Luigi.

—Já me mandou dizer isso por Guiseppe, respondeu miss Catalina, e repetir-lhe-hei o que a elle lhe disse; não o viu?

—E' uma mentirosa, volveu o official. Disse e jurou que não havia ninguém em casa.

—E é verdade, pois só aqui está o meu creado, Stefano, retorquiu a joven serenamente. Posso repetir-o.

—E onde está Luigi?

—Sei-o eu, venturara? replicou miss Catalina.

—Póde dar-me a sua palavra de honra de que o não viu? perguntou o official.

—Posso, sem duvida alguma, e posso assegurar-lhe que, na realidade, não o vi.

O official franziu ainda mais as sobrancelhas, dizendo em tom ameaçador:

—Catalina Robinson, lembra-se das minhas ameaças, no caso de tentas enganar-me?

—Marquez, as suas palavras são para mim um insulto.

—Luigi foi morto aleivosamente, exclamou o official, percorrendo a grandes passos as salas, furioso.

Decorridos instantes, aproximou-se da joven, olhando-a fitamente como se lhe quizesse ler no intimo d'alma.

Ella resistiu impavida a esse olhar ameaçador,

não se lhe reflectindo no rosto o menor signal de terror ou receio.

Em seguida, disse com a maior serenidade:

—Se aconteceu alguma coisa a Luigi, não sei. De resto, para que me interroga com modos tão ameaçadores? No caso d'elle ter morrido, pensa, por acaso, que sou culpada d'essa morte?

«Que tenho eu com o que se passou, no caso d'alguma coisa de anormal se tenha passado?

—Conheço todos os seus artificios para me atraiçoar e para me enganar, retorquiu o Marquez furioso. Não sabe que tenho a sua vida nas minhas mãos?

A joven olhou para elle com ar de desprezo, replicando com sorriso zombeteiro:

—Ah! E' esse o modo como me fala quem pretende que eu o ame e que me disse cem vezes que more d'amor por mim?

Fez uma pequena pausa. Em seguida, accrescentou:

—Marquez, peço lhe que saia immediatamente. Hoje mesmo partirei de Palermo.

—Tal não fará, clamou o Marquez com raiva. Ha de ficar aqui. Por muito tempo guardou já os meus segredos; deve tel-o feito, ou para que eu lhe dêsse a liberdade, ou para fazer de si minha esposa legitima...

—Se acaso tinha alguns projectos a seu respeito, esses projectos agora mudaram, por me ter atraçoado. Agora, é apenas minha prisioneira.

Alguem, que ignora ainda quem seja, entrou talvez aqui e quiz pôr-se a seu lado, entrando pela porta secreta. E' esse sem duvida o assassino de Luigi e deve estar occulto algures. Encontral-o-hei, apesar de Stefano se ter comprometido, naturalmente a ajudal-o.

—Ah! Já treme? Vou ter a alegria, a indizível alegria de a amarrar e áquelle com quem se colligou contra mim. Em seguida, matal-os-hei a ambos...

—Malvado! exclamou a joven. Não falle tão alto em traições e colligações da minha parte, quando eu posso dizer, alto e bom som, os manejos criminosos de que se valeu para nos tirar a liberdade, a minha irmã e a mim.

—O seu amigo, o chefe de policia Tomaso Casino, ajudou para separar do meu lado minha adorada irmã Jane. Onde está ella? Ignoro-o. O senhor é que treme ao lembrar-se de que o posso denunciar.

—Ao livrar-me da escravidão em que me lançou, ha de ter muito mais que receiar do que eu. Sequestrou minha irmã e, provavelmente, matou-a. O céu reserva-lhes ao senhor e ao seu digno amigo Tomaso Casino, um tremendo castigo.

—Pela minha parte, enquanto tiver um sopro de vida, prometto-lhe solememente vingar minha irmã e libertar-me da sua tyrannia.

«A culpa tambem foi minha, porque julguei que o senhor era um cavalheiro, um homem de palavra, e afinal vejo que só me considerou como um objecto bom para lhe satisfazer os caprichos.

—Parece-me que a colera te transtorna, exclamou o Marquez em tom zombeteiro, a ponto de me ameaçares assim, a mim e ao meu amigo. Esqueceste que te prestei muitos favores e te mandei muitos presentes. As joias com que te adornaes são minhas, as sedas que envergares foram compradas com o meu dinheiro, e esta mesma casa, onde ninguém te aprisionou e em que podias ter vivido á tua vontade, se assim o quizesse, tambem me pertence.

E ao proferir as ultimas palavras aproximou-se da joven e, apertando-lhe os braços com força, disse em tom ameaçador:

—Queres dizer-me, a bem, onde está o homem que entrou n'esta casa, chamado por ti, e onde o posso encontrar?

«Dize-me o seu nome immediatamente, ou mate.

A joven recuou alguns passos, respondendõ com altivez:

—Malvado! afasta-te de mim! Saber-me-hei defender de ti, embora á custa do teu sangue.

E tirou occultamente um punhal do vestido.

O official levou n'esse momento á mão ao bolso, tirou um revolver e, visando a cabeça da joven disse-lhe:

—Deita o punhal para o chão ou mate-te.

—Mata-me, replicou miss Robinson. Uma bala livrar-me-ha para sempre do captivo e d'esta miseravel vida.

—Deita o punhal para o chão ou mate-te, repetiu o malvado.

—Dispara, bandido, replicou a joven.

E ao mesmo tempo, com a arma de que estava munida ameaçava o peito do official.

N'esse momento abriu-se repentinamente a porta do quarto e em frente do Marquez, rapido como um raio, appareceu o celebre criminalista Sherlock Holmes.

O criminalista deu um murro na mão do Marquez, fazendo assim cair o revolver no chão.

Furioso, o official exclamou:

—Quem é o senhor?

—Um compatriota d'esta senhora, a quem ella pediu auxilio e protecção, replicou o policia com a maior serenidade.

—E' então o assassino do meu creado Luigi? perguntou o official.

—Labora em erro. O homem que me saiu ao encontro é o culpado de ter morrido. Para que me quiz elle matar?

—Acaba de se denunciar a si proprio e confessa-

se culpado. Vou mandar chamar immediatamente a policia.

E dirigia-se apressadamente para a porta, na qual se via um pequeno quadrilatero cheio de campainhas electricas de chamada.

Antes, porém, de ter podido ali chegar, o criminalista atalhou-lhe o passo, dizendo:

—Não assuste sem motivo a creadagem, pois, se o quizer fazer, saberá praticamente como trato os criminosos que se atrevem a erguer mão sobre fracas mulheres.

Como o official não desistia do seu intento, Sherlock Holmes deu-lhe um murro tão violento no peito que o fez cair desamparadamente, ficando desmaiado. Antes de ter voltado a si, amarrrou-o de modo a elle não poder sequer fazer um movimento.

Decorridos instantes, depois do marquez ter recuperado os sentidos, o criminalista disse-lhe com a maior naturalidade:

—Deve comprehender, marquez, que nem sempre se pôde zombar impunemente da fraqueza.

O official começou a fazer esforços para se desprender, clamando em tom colérico:

—Maldito! O teu triumpho não durará muito. Em frente da casa ha muitos gendarmes, vou chamal-os.

—Se soltar um grito só que seja, mato-o, disse o criminalista, encostando-lhe o revolver á cabeça. D'esta vez, de pouco proveito lhe serão o auxilio do seu amigo Tomaso Casino e dos seus companheiros.

«Pelas ameaças que proferiu deduzi que é um vulgar e miseravel criminoso, apezar do titulo nobiliarchico que ostenta e do uniforme que veste.

«Ouvi as accusações que miss Robinson lhe dirigiu e por ellas comprehendi que a encerrou aqui ha seis semanas, que trouxe essa senhora e sua irmã enganadas e que, depois de as apanhar aqui, separou violentamente as duas irmãs, talvez para conseguir fins inconfessaveis.

«Sei tambem, ainda pelo que ouvi, que Casino o auxilia em tão torpe commettimento.

E, voltando-se para a joven, o criminalista accrescentou:

—Quer dizer-me, miss Robinson, o que se passou entre si e este sujeito, como foi que elle a induziu a vir aqui, finalmente, tudo quanto se tem passado?

—Com a maior satisfação, respondeu ella com grande vivacidade. Juro-lhe que direi apenas a verdade. Stefano poderá testemunhar que, desde que aqui vivo, sou prisioneira d'este homem e que não posso dar um passo só que seja que me não espie algum creado. Sob a pressão de constantes ameaças, vi-me obrigada a permanecer aqui. De todas as vezes que lhe tenho pedido para me dizer onde está minha querida irmã, nunca me respondeu.

—E quando foi que desapareceu sua irmã? perguntou Sherlock Holmes.

No dia em que, illudidas, saímos do hotel de Palermo, onde estavam hospedadas, e viemos para aqui.

—Illudidas? interrogou de novo o criminalista.

—Sim, sr. Fullerton, respondeu a joven. Foi buscar-me e a minha irmã n'uma carruagem e disse-nos que íamos dar um passeio até á cidade de Moureal, onde vivem os ricos silicianos, e que passaríamos pelo monte Pellegrino, encantadora estância.

«A primeira parte do passeio decórreu com a maior alegria. Ao chegarmos a uma casa, n'um sitio ermo, já muito distante de Palermo fizemos uma paragem.

«Apeão-nos e foi-nos servida uma magnifica refeição, offerecendo-nos o marquez a cada momento os deliciosos vinhos italianos. Repugnavam-me e bebi muito pouco, o que não obstou a que perdesse os sentidos.

—Ah! disse Sherlock Holmes. Perdeu os sentidos?

—Sim e quando voltei a mim encontrei-me n'esta casa, separada já de minha irmã. Debalde lhe tenho perguntado por ella; não me tem sequer respondido.

—E não suspeita onde ella possa estar?

—Só de modo muito vago. Creio que está em poder do chefe da policia de Palermo, Tomaso Casino, que é amigo intimo do marquez. Devo accrescentar que minha irmã é formosissima.

—Que fins tinha em vista esse bandido ao trazer a aqui? perguntou o criminalista.

—Já os disse e facilmente os pôde adivinhar, respondeu, purpureando-se, a joven, apezar d'elle agora dizer que quer desposar-me...

—Sendo tão rigorosa a vigilancia exercida pelos creados do marquez, continuou Sherlock Holmes, como lhe foi possivel fazer-me chegar ás mãos a sua supplica?

—Não o teria podido fazer se não fôra o disinteressado auxilio do meu fiel Stefano, que teve compaixão de mim e resolveu cooperar na minha libertação. Felizmente, chegou-me hoje ás mãos um jornal em que li que tinha chegado a Palermo um compatriota meu e resolvi immediatamente participar-lhe a situação em que me encontrava, servindo-me para isso do bom Stefano.

«Foi elle tambem quem enviou uma carta anonyma ao *signor* Martinelli, proprietario do hotel em que nos hospedáramos ao chegarmos a Palermo.

—Essa noticia é já do dominio publico, devido aos jornaes, disse Sherlock Holmes.

La proseguir quando foi interrompido por um grito de raiva do marquez.

Para lhe acalmar os nervos, o criminalista applicou-lhe um tremendo pontapé e tapou-lhe a bocca com um lenço, em forma de mordaça.

—Assim, poderemos continuar a conversar sem sermos interrompidos, disse Sherlock Holmes depois de terminar essas operações. Por que motivo, miss Robinson, na carta anonyma enviada ao proprietario do hotel se não davam os signaes exactos do logar em que estava prisioneira, os d'aquelle que a retinha aqui, e o seu nome?

—Porque esperava, replicou ella, que o Marquez, ao ler essa noticia nos jornaes, tivesse medo e me puzesse em liberdade.

«Recejava tambem que, dando todos os pormenores, Tomaso Casino assassinasse minha irmã, para occultar a sua prisão.

«Devia, para poder salvar-me, aproveitar a occasião em que estivessem juntos o Marquez e o chefe da policia.

— Bem pensado, replicou Sherlock Holmes. Espero que poderei fazel-o, restituindo-lhe sua irmã. Agora é necessario que se prepare para sair commigo. Vista-se immediatamente de preto e arranja as coisas de modo a occultar o rosto o mais que puder.

—Assim farei.

—Queira entrar no seu quarto e preparar-se. De-sejo ficar a sós com o Marquez.

—Muito bem, obedeço.

—Logo que esteja prompta, volte aqui, pois esperal-a-hei n'esta sala.

Miss Robinson desapareceu. Jogo que ella saiu, o criminalista curvou-se para o Marquez, tirou-lhe o uniforme e envergou-o elle.

Para que a semelhança fosse mais completa, Sherlock Holmes tirou dos bolsos uma harba postiga e uma cabelleira, mercê das quaes ficou completamente transformado.

Cingiu a espada e collocou-se em frente de um espelho para vér se a semelhança era perfeita e se o uniforme lhe dizia bem.

Emquanto o criminalista procedia a essa transformação, miss Robinson terminára a sua *toilette* e dirigiu-se para a sala onde os dois homens haviam ficado, não se atrevendo, porém, a entrar sem que a chamassem.

Sherlock Holmes abriu a porta, para que a joven entrasse. Esta, julgando que era o Marquez o homem que via e que conseguira libertar-se dos seus laços, recou e ia clamar por soccorro, mas o criminalista advertiu-a do erro em que laborava, acrescentando:

—Agora, é necessaria muita coragem e serenidade. Não n'isso a sua vida e a minha. Se lhe fallarem meça e reflecta bem em todas as palavras, para fingir que sou eu o official, que vae dar consigo um largo passeio.

E, offerecendo-lhe o braço, saíram da sala.

A joven ia pensativa, cruzando-lhe pela mente os admiraveis feitos praticados á sua vista, minutos an-

tes, pelo seu compatriota, sem o auxilio de Stefano. Ao chegarem ao fim do corredor d'aquelle andar, encontraram um gendarme, a quem Sherlock Holmes, dirigindo a palavra, perguntou com a maior naturalidade:

—Onde está o seu chefe?

—No parque, meu commandante.

—Diga-lhe que vou sair em direcção a Parkpforte e ordene que me preparem immediatamente a carruagem.

O gendarme afastou-se, voltando d'ahi a momentos a participar que estavam cumpridas as ordens do pseudo official.

Miss Catalina Robinson tremia de angustia. A custo dissimulava a inquietação que d'ella se apoderava.

Para que pudesse disfarçar melhor, o criminalista fez-lhe um signal para que occultasse o rosto como véu. Sairam de casa, fallando em voz baixa.

Apenas chegaram ao parque, aproximou-se d'elles um homem gordo, de fartas sobroncellas, fitando o olhar com insistencia no rosto de miss Robinson, que estava occulto pelo véu.

Para evitar a commoção da joven, o supposto Marquez disse-lhe que fosse andando, pois tinha de fallar com o chefe da policia Casino, e voltando-se para o homem que estava na sua frente ordenou-lhe que fosse chamar o seu chefe.

Miss Robinson subiu para a carruagem, o mesmo fazendo o falso Marquez, antes de chegar o chefe da policia de Palermo.

Quando este appareceu, Sherlock Holmes, imitando a voz do Marquez, disse-lhe:

—Não saia da *villa* até eu voltar, nem entré nos meus aposentos particulares e nos de . . .

A carruagem pôz-se em movimento com a rapidez do raio, sem que o cocheiro soubesse quem eram os que conduzia.

Ao estarem algum tanto afastados da *villa* e já proximo do hotel em que o criminalista se hospedára, mandou este parar a carruagem e disse ao cocheiro que podia voltar para traz, pois continuariam o passeio a pé.

Procedendo assim, Sherlock Holmes queria que o cocheiro não pudesse suspeitar onde elles iam, dado o caso de na *villa* se dar pelo que se passára.

Havia poucos minutos que o criminalista e a sua protegida seguiam pela rua, quando lhe appareceram na frente tres homens.

Um d'elles, mais atrevido, collocou-se a par da joven, pretendendo vér-lhe o rosto.

Para evitar uma questão e o barulho que d'ahi se seguiria, Sherlock Holmes afastou um pouco a capa, deixando ver o seu uniforme de official.

Os tres homens inclinaram-se e deixaram de os seguir. Eram tres policiaes.

Pouco depois, o criminalista comprehendia que tinha sido dado o signal de alarme, indicio evidente de que a sua fuga com miss Robinson fôra descoberta.

E não se enganava.

Apezar do que o fingido marquez ordenára, o chefe da policia Casino penetrára nos aposentos de miss Robinson apenas a carruagem se afastára, encontrando ahi amarrado e amordaçado o verdadeiro marquez.

Immediatamente, escusado é dizel-o, foi libertado, e Casino, dando o signal de alarme, reuniu os policiaes que poudo encontrar, ordenando a alguns que ficassem vigiando a villa e a outros que fôsem em perseguição da joven e do assassino de Luigi.

Sherlock Holmes comprehendeu que era impossível escaparem juntos, visto os perseguidores estarem já muy proximos, resolvendo, por isso, que a joven fosse sósinha para o hotel, do qual os separava pouca distancia.

Essa manobra salvava-o, a elle, a quem os perseguidores não conheciam, e á joven, que facilmente se poria a salvo.

Fazendo um esforço, disse á sua protegida:

—Vae fugir sósinha, sendo-lhe assim facil chegar áquelle hotel, onde me alojei.

E, indicando-lhe o edificio:

—Por devagar que ande, quando os que me perseguem aqui chegarem, já estará ali.

—Apenas ahi chegar, entregue o bilhete que vou escrever a um mancebo chamado Harry, que me merece toda a confiança. Elle a defenderá e fará tudo o que fór necessario até u voltar.

—Nada receie, em breve nos tornaremos a vêr.

—Farei tudo quanto ordenar, respondeu a joven, um tanto triste e perturbada.

O criminalista escreveu á pressa algumas linhas em uma folha da carteira, que rasgou, entregando-a em seguida a miss Robinson.

Esta immediatamente apressou o passo, seguindo a alguma distancia o criminalista, para o caso de ser necessario defendel-a.

Havia andado pouco quando ouviu que atraz d'elle, não muito distante, alguém que parecia vir em sua perseguição apressava o passo.

Sherlock Holmes levou a mão ao bolso e, empunhando o revolver, preparou-se para vender cara a sua vida e a da sua compatriota, que ia um tanto adiante e dobrava n'esse momento uma esquina.

Quando já estava proximo d'elle o que o perseguiu, o criminalista saiu do passeio e, ao passar para o passeio contrario, viu um rapaz correr para elle.

Sherlock Holmes puxou pelo revolver, e collocou-se em attitude de defeza.

Aquelle que vinha a correr, disse-lhe:

—Siga-me. Sou seu amigo e quero salvá-lo.

CAPITULO III

No salão da signora Gallina

Sherlock Holmes sentiu enorme satisfação.

O mancebo que acabava de dirigir-lhe a palavra era Stefano, o fiel creado de miss Robinson.

Aquelle auxilio inesperado ia ser-lhe da maior utilidade n'aquelle momento critico.

Como pudera chegar ali aquelle rapaz?

Não havia, porém, tempo a perder em reflexões. Ao longe, viam-se já alguns perseguidores. Havia na rua proxima grande numero de homens reunidos por causa do signal de alarme.

Antes d'ali chegar, Stefano disse ao criminalista que entrasse n'uma casa proxima, acrescentando:

—Não é possível seguir para diante sem ser preso e reconhecido pelo uniforme que leva vestido. Siga-me a esta casa e d'aqui poderá sair pela porta trazeira, que deita para outra rua menos concorrida.

—Agradeço-lhe o importante favor que me presta, disse o criminalista.

—Quem móra aqui?

—Emquanto o criminalista fazia esta pergunta, Stefano abria a porta do jardim da casa e começára a caminhar por meio de uma dupla fileira de laranjeiras que orlavam o caminho que para ella seguia.

—Um parente meu muito proximo e muito bom, respondeu o fiel creado.

—E como e porque veio aqui? perguntou Sherlock Holmes emquanto caminhava.

—Na villa foi grande o alarme logo que o senhor saiu com miss Robinson, respondeu Stefano.

—Affirmou-se que o senhor tirára o uniforme ao official e o enviegára, preparando-se alguns para perseguiem.

—Logo que os ouvi, receiando que os apanhassem desprevenidos, tratei de me pôr a caminho, fingindo que vinha em sua perseguição.

—O que me parece melhor é que tire o uniforme e se vista de mulher.

Entraram n'esse momento em casa.

—Não é preciso vestir-me de mulher, replicou o criminalista. Debaxo do uniforme trago o meu fato.

—Desfigurando o rosto, arrancando a barba posticia e a cabelleira, é o sufficiente para poder voltar ao hotel.

Poucos minutos bastaram para a transformação. Sherlock Holmes despediu-se de Stefano, e dirigiu-se para o hotel.

Desejava interrogar o joven siciliano sobre os maus

tratos infingidos pelo marquez a miss Robinson, assim como se elle sabia onde estava a irmã d'esta, mas, como o tempourgia, era forçoso adiar tão importante conversação para melhor oportunidade.

Ao sair pela porta trazeira para aquella rua sem animação, notou que, nas proximidades, havia extranho movimento. Só se ouviam apitos, gritos e clamores de curiosos, que queriam saber a causa que motivava taes medidas.

Antes de chegar ao hotel, o criminalista viu se ali haveria policia de vigia á entrada.

Nada viu, porém, o que lhe causou grande satisfação.

N'esse momento, a sineta do hotel tocava, para indicar que chegára a hora de fechar a porta.

Antes de entrar, o criminalista tirou a barba e a cabelleira postiças e dirigiu-se, pelo corredor, para o quarto que elle e Harry occupavam.

O seu ajudante, que o esperava com a maior impaciencia, ao vê-lo chegar são e salvo, respirou fundamente como se lhe tirassem um peso de sobre o peito.

Apenas entrou no quarto, Sherlock Holmes perguntou:

—Não veio ninguém procurar por mim? Não veio ninguém pedir para fallar contigo e entregar-te um bilhete meu?

—Ninguém, que eu saiba, veio perguntar por mim ou entregar carta alguma, respondeu, admirado, o joven ajudante. Mandou-me, por acaso, algum recado?

O criminalista contou então o que succedera na villa do marquez, a sua fuga com miss Robinson e como entregára a esta um bilhete para elle.

Sherlock Holmes interrogou em seguida o porteiro do hotel sobre se havia ali apparecido alguma senhora, dando-lhe os signaes de miss Robinson.

O porteiro respondeu negativamente.

Tal resposta augmentou os serios receios que elle começara a sentir desde que entrára no hotel, receios de que miss Robinson tivesse caído nas mãos dos assassinos do chefe da policia, tendo assim a mesma sorte que sua desventurada irmã.

A desgraçada situação em que se encontravam as duas infelizes irmãs, ao mesmo tempo que era prova cabal da inaudita criminalidade do chefe da policia e do marquez, revelava a inilludível necessidade em que Sherlock Holmes se via de proteger e arrancar aquellas desgraçadas das mãos de semelhantes verdugos.

Mas a missão que se propunha levar a cabo era tanto mais difficil quanto tinha de lutar com o proprio chefe da policia, o qual, para poder entrar-o seus planos, tinha um meio facilimo, accusando-o do assassinio de Luigi e de ter seduzido a ingleza.

Enquanto se não provava a falsidade da accusação e se esclareciam os factos, o marquez poderia occultar

ou desfazer-se até das suas duas infortunadas victimas.

A fim de assentarem no plano a seguir para libertarem as suas compatriotas, Sherlock Holmes e Harry ficaram duas horas fechados.

A principio, o criminalista julgou que o marquez trataria de saber, por todos os meios possiveis, qual o hotel onde estava hospedado aquelle que o amarrára e amordaçára, e quem elle era.

Por isso, quando na manhã seguinte soube que ninguém se havia ali apresentado para perguntar por elle, nem coisa que com isso se parecesse, ao mesmo tempo que sentia grande alegria ficou extremamente admirado.

Ao cair da noite, Sherlock Holmes e Harry Taxon vestiram-se á italiana, tornando-se tão desconhecidos que ninguém poderia adivinhar a sua verdadeira nacionalidade, e dirigiram-se para o commissariado central de policia, para vigiarem Tomaso Casino e o seguirem para onde quer que elle se dirigisse.

Havia pouco que estavam de vigia quando viram apparecer á porta um homem muito parecido com o chefe da policia de Palermo. O criminalista fixou-se n'elle e reconheceu que, na realidade, era o proprio chefe.

Casino dirigiu-se para um restaurante que ficava proximo d'ali. Estava Sherlock Holmes a pensar em se elle e o seu ajudante o deviam seguir, ou ficar ali um e outro ir atraz do chefe, quando de subito appareceu na rua proxima um homem de andar elegante, envolto n'uma capa á militar, que se dirigiu tambem para o restaurante.

Sherlock Holmes reconheceu immediatamente n'esse homem e infame marquez.

—Tanto o chefe da policia como este illustre *cavalheiro*, disse o criminalista, teem, ao que parece, as suas entrevistas n'este local. Talvez seja aqui onde planeiam os seus crimes e hoje vae tratar-se, sem duvida, de resolver a sorte destinada ás duas pobres irmãs.

Sem proferirem mais palavra, aproximaram se do restaurante e viram que havia ali grande animação.

A sala, onde, á entrada, havia apenas duas grandes mesas cheias n'aquelle momento de gente, era repartida em gabinetes reservados, separados do resto da sala por umas cortinas que se corriam.

Tomaram logar n'uma d'essas grandes mezas o criminalista e o seu ajudante, sentando-se n'uma das extremidades.

Aproximou se d'elles immediatamente uma joven, para os servir. Depois de terem bebido alguns copos, levantaram se e iam dirigir-se para um pateo que tinham visto, quando uma cabeça appareceu por entre as cortinas de um gabinete reservado, que tinham sido afastadas.

Essa cabeça era a do marquez.

Proximo d'ali havia uma pequena mesa, em frente da qual se sentou Sherlock Holmes, chamando a mesma joven que já os havia servido, para fazer o mesmo n'aquella mesa, visto que na mesa grande, disse o criminalista, era grande o bulicio.

Como ali havia mais socego, Sherlock Holmes ponde ouvir a conversação dos que estavam proximo e principalmente do marquez e do chefe da policia, dos quaes apenas o separava uma simples cortina.

Como Sherlock Holmes suppozera, a conversa versava sobre os acontecimentos da noite anterior.

Ao sentarem-se ali, dizia o marquez ao chefe da policia:

—Não sei o que a sua gente fez, Casino, que não ponde descobrir o malvado que me amordaçou e que fugiu com Catalina. Receio que esse homem nos faça passar um mau bocado. Não me pareceu nada louco e ao penetrar em minha casa talvez tenha conseguido saber mais do que o que convem que saiba.

—Nada ha a receiar, disse Tomaso Casino, estando, como estou, á testa da policia. Embora alguém se me venha queixar do que succedeu, farei com que a queixa não chegue aos tribunaes.

—Em todo o caso devemos prender aquelle que penetrou em minha casa, replicou o marquez. E' inglez e, ao que parece, vive n'algum hotel, sendo por isso facil encontral o. Tem a lista de todos os hospedes dos hotéis?

—Sim, respondeu o chefe da policia, e n'ella figuram poucos inglezes.

—Nada ponde averiguar acêrca da verdadeira identidade d'essas duas jovens inglezas, obstinadas em não cederem aos nossos desejos? perguntou o marquez.

—Nada pude saber, respondeu Casino. Ultimamente, recusaram-se até a fallar-me. Amanhã farei um esforço supremo para as vencer. Se nada conseguir, ameaçal-as-hei com entregal-as aos tribunaes imputando-lhes os crimes que me occorram á mente.

—Esse procedimento é o melhor, exclamou o marquez. Em alguma coisa se ha de conhecer que somos homens que sabemos vencer as difficuldades. Essas insensatas raparigas, se tivessem querido, teriam alcançado a prosperidade!...

«Creio que estão a bom recato e que não ha receio de que possam fugir.

—E' impossivel a sua fuga, replicou Casino. Ninguem mais as tornará a vêr enquanto o marquez não ordenar o contrario. Esta medida está justificada de mais, porque estamos já cansados de esperar que cedam.

N'esse momento entrou no gabinete onde estavam o marquez e o chefe da policia uma joven dos seus vinte e dois annos, com um vestido de *soirée* magnifico, guarnecido de franjas douradas, rosto pallido e olhos pretos e em que se lia uma expressão apaixonada.

Approximou-se da mesa e disse ao marquez e a Casino:

—Estão ainda aqui? E' já tempo de subirem e de se divertirem.

—Quando começa o baile?

—D'aqui a momentos.

E continuou a conversar em voz tão baixa que ao criminalista foi impossivel ouvir o que se dizia.

Pouco depois, o marquez e o chefe da policia levantavam-se e seguiam aquella mulher, como foi facil vêr, pois immediatamente a cortina do gabinete foi aberta.

A joven que servia o criminalista e Harry, ás perguntas do primeiro lhe dirigiu respondeu que os cavalheiros do gabinete tinham ido para o salão da *signora* Gallina, a qual os viera convidar para tal fim.

—E quem é essa senhora? perguntou Sherlock Holmes.

—Não conhecem a *signora* Gallina, a nossa ama? exclamou, admirada, a rapariga. E' a mulher mais formosa de Palermo e nos seus salões reune se o que aqui ha de mais distincto e aristocratico.

«Bem se conhece que os senhores estão ha pouco tempo na cidade.

Pouco depois ouvia o criminalista, enquanto a joven estava a fallar, a *signora* Gallina dar uma gargalhada, despedir-se e approximar-se do logar onde elle e Harry Taxon se encontravam.

Ao vêl-a chegar, levantaram-se e fizeram uma profunda reverencia, dizendo Sherlock Holmes:

—Esta menina acaba de nos dizer que nos seus salões se reune a sociedade mais elegante de Palermo. Poderemos ter o prazer de a elles sermos admitidos?

—Coisa alguma se oppõe a isso, respondeu ella com a maior amabilidade. Será para mim grande honra poder-os apresentar aos aristocraticos frequentadores das minhas salas.

«E creio, sem vaidade, que passarão ahi algum tempo entretidos.

—Com o maior prazer assistiremos a essa encantadora reunião, tanto o meu amigo lord Bellville como eu, disse Sherlock Holmes.

—Queiram seguir-me, exclamou a *signora* Gallina. Terei a maior honra em os apresentar aos meus convidados.

E fez um signal aos dois, que saíram do restaurante, subindo uma escada que os conduzia a um amplo salão.

A mobilia não era demasiado luxuosa e o salão estava cheio de homens, intimos da *signora* Gallina e tão entretidos no jogo que mal deram pela entrada dos recém-chegados.

Entre os que ali se encontravam viam-se o marquez e o chefe da policia sentados a uma mesa.

A *signora* Gallina foi apresentando os dois ingle-

zes, de mesa em mesa, mas, como todos estavam muito entretidos com o jogo, em breve tal cerimonia foi posta de parte.

Algumas jovens, por signal bonitas, que ali se encontravam, apenas viram a *signora* Gallina foram ter com ella a fim de fazerem as honras da casa aos dois forasteiros, os quaes finalmente se sentaram a uma mesa, contemplando o que no salão se passava.

A animação era grande, apesar do silencio ser grande tambem, visto todos fitarem com interesse a mesa de jogo.

No rosto do marquez reflectia-se grande contrariedade, devida, sem duvida, aos contratempos e ás perdas que tivera.

A seu lado estava o chefe da policia e na frente um elegante joven, de uns vinte annos, que parecia inglez. Era com elle que o marquez jogava.

Decorrido um quarto de hora pouco mais ou menos, o joven inglez levantou-se, retratando-se-lhe no rosto uma expressão de desgosto, emquanto no do marquez se reflectia a da alegria, e dirigiu-se para um *guichet* onde se trocava dinheiro, voltando d'ahi a pouco para a mesa de jogo com um grande masso de notas do banco.

Parecia que a voluvel deusa fortuna voltára as costas ao joven inglez e mostrava o rosto risonha ao italiano.

Ainda não havia decorrido outro quarto de hora quando, acompanhando o que dizia com uma violenta punhada na mesa, o joven exclamou de modo que todos o ouviram na sala:

—Marquez de Jacopo, é um infame gato.

Esta exclamação, proferida no meio da maior indignação por um homem convicto do que affirmava, atrahiu immediatamente os olhares de todos os circunstantes.

Para evitar que se passasse uma scena lamentavel, duas jovens das que ali estavam aproximaram-se e encheram de atenções o encolerizado, que pouco a pouco abrandou.

Sherlock Holmes e Harry fixaram os olhares no chefe da policia e no marquez, o qual começara a jogar nova partida com o inglez.

E viram que, de quando em quando, Casino tirava do bolso algumas cartas e as entregava ao marquez, o qual, por seu turno, dava outras ao seu amigo e cumplice.

Era de esperar que o italiano ganhasse de novo.

Para que todos os que tinham ouvido as palavras proferidas contra o marquez julgassem que ellas o tinham sido por despeito de ter perdido, o chefe da policia exclamou:

—Ninguém pôde affirmar que esta partida não tem sido, como as anteriores, um modelo de verdadeiro cavalheirismo e lealdade.

Para celebrar o triumpho, alguns dos homens e das jovens que ali se encontravam levantaram-se e foram cumprimentar o marquez.

Cheio de desespero, o joven inglez começou nova partida.

Sherlock Holmes não perdia de vista as mãos dos dois amigos italianos e quando viu que o chefe da policia tirava a primeira carta para a entregar ao seu compatriota, levantou-se de repente e, collocando-se em frente do marquez:

—Tanto o senhor como o seu digno companheiro são uns ladrões e uns embusteiros. Vi eu o chefe da policia, o sr. Casino, dar-lhe cartas tiradas da manga do casaco.

Apenas o criminalista pronunciára estas palavras, os dois levantaram-se, precipitando-se furiosamente sobre elle.

A primeira coisa que Casino fez foi dar um murro na cabeça de Sherlock Holmes, ficando-lhe nas mãos a cabeleira postiça d'este.

Casino suspirava de que aquelle homem podia muito bem ser aquelle que o fazia andar inquieto havia um dia.

E não se enganou.

Saiu-lhe então da garganta e da do marquez um grito, mixto de ira e de triumpho pela descoberta feita. Ao vêrem na sua frente o perseguido protector de miss Robinson, o assassino do creado Luigi, o chefe da policia exclamou:

—Como se atreveu este estrangeiro, este ladrão, a penetrar no nosso aristocratico club?

«Prenham este homem, que é um vulgar criminoso e que hontem assassinou á traição um homem digno.

«Auxiliiem-me a prendel-o.

Todos os jogadores se levantaram e se arrojaram sobre o genial criminalista, que baldadamente tentava justificar-se das accusações que lhe eram feitas, pois ninguem lhe dava ouvidos.

Vendo que era inutil a resistencia, fez um signal a Harry para que este se retirasse e ceden o numero.

N'um momento amarraram-no de pés e mãos e amordaçaram-no para que não pudesse gritar.

Antes de terem podido deitar a mão a Harry Taxon, este, que se puzera a salvo, metteu-se, logo que se encontrou na rua, n'um portall, e viu tirarem o seu mestre do restaurante, levando-o dois homens, seguidos do chefe da policia de Palermo e do marquez.

CAPITULO IV

O infame marquez

A *signora* Gallina, deveras assustada com a scena que se dera e receando que intervisse a policia, apesar de Casino se encontrar nos seus salões, só respirou livremente quando viu o criminalista preso.

Retirou-se para um gabinete, que lhe servia de retiro, e ao qual a seguiu o marquez.

—Andaste desastradamente, Jacopo, disse ella, tratando-o com uma familiaridade que denotava intimas relações.

—Que queres? Nunca suppoz que o maldito inglez me estivesse a vigiar, retorquiu o marquez. Mas tem a sua conta e garanto-te que nos não fugirá das mãos.

—Resolvem então fazel-o desaparecer?

—Creio que é o mais seguro.

—Sim, mas o escandalo de d'ahi vae surgir dará brado e talvez o consul inglez queira intrometter-se no caso.

—Ora adeus! Casino sabe sempre arranjar as coisas: Não tenhas receio.

—E' bom de dizer, mas sabes perfeitamente que, se transpirasse o que aqui se deu, poderia ser incommodada, o que de modo algum me convinha.

—Repito-te que podes estar descansada. Nada se saberá e, ainda que assim seja, que tens tu que receiar?

—Tudo. Bem sabes que em minha casa ha muitas raparigas contra vontade e se ellas fallassem só Deus sabe o que succederia.

—E quem t'as manda aqui ter?

—E és tu que me fazes semelhante pergunta?

—Por que não?

—Pois se és tu mesmo que mais concorres para eu aqui as ter!

—Eu? estás doida!

—Doida, eu?! Estás embriagado, ou queres exasperar-me?

—Com que fim?

—Para me deitares a perder. Bem sabes que, querendo eu, te poderia fazer perder a posição que occupas.

—Bem digo eu que estás doida!

—Por dizer as verdades? Tem muito cuidado comigo!

—Que me havias de fazer?

—Tudo e nada, se eu quizer. Bem sei que sou

uma mulher perdida, mas sei tantas coisas que facilmente te faria mal. Não me provôques, se não queres que eu falle alto e bom som.

—Antes que o fizesses, estranquar-te-hia.

E avançou em attitude tão ameaçadora para a *signora* Gallina que esta empalideceu sob a pintura que lhe cobria o rosto.

Fez, porem, corajosamente frente á colera do marquez e retorquiu, apparentando a maior serenidade:

—Tem cuidado, Jacopo. Fui tua amante e sei muita coisa. Conheço alguns dos teus crimes, que te podem levar á forca e commigo não brincas, nem de mim te desfazes com a facilidade com que te tens desfeito de outras.

O marquez teve um rictus de ferocidade.

E em voz, tremula de colera:

—Parece-te isso, minha flor?

—Sim, parece, e por uma simples razão. No dia em que eu morrer de morte violenta, uma carta com a narração do que sei e do que vi será entregue em mão propria ao representante da lei.

«Não creias, porem, que ella vá cair em poder do teu amigo Casino, não.»

«Será entregue, repito-te, ao juiz de Palermo e a narração que faço é tão pormenorizada que não poderá haver duvidas e será immediatamente preso.»

—Onde está essa carta? perguntou o marquez em voz rouca e com os olhos enjectados de sangue.

—Está em poder de alguém que me é dedicado de corpo e alma.

—Onde está essa carta? repetiu o marquez, tirando peito um afaido estyleie.

E antes que a *signora* Gallina pudesse soltar um grito, agarrou-a pela garganta, ameaçando a com a lamina.

—Responde. Onde está a carta?

—Não a tenho aqui.

—Mentes, ou queres enganar-me. Dize a verdade.

—Não está em minha casa. Confiei-a a alguém, que me é dedicado e que se servirá d'ella se eu tiver morte violenta.

O tom em que ella fallava era tão impregnado de verdade que o infame comprehendeu que ella dizia a verdade.

Largou-a por isso, e tornando a metter o estylete no peito, disse em tom que se esforçava por tornar tranquillo.

—Está bem. Vejo que contigo, em quem confiava plenamente, se não pode gracejar. Tomas as coisas muito a serio. Façamos as pazes e fallemos a serio.

—Estou ás tuas ordens.

—Sabes que as inglezas que raptámos hão de ceder aos nossos desejos, aos de Casino e aos meus, e que é preciso que a ninguem contem a sua historia, depois d'aqui estarem.

—Aqui?

Sim. Pois onde melhor ficarão? Fingiremos que casamos com ellas e depois da cerimonia e d'ellas serem nossas durante algum tempo virão para aqui. Has de industrial-as para nos servirem no queencionamos fazer.

—E o que é?

—Servirmo-nos d'ellas para explorar os estrangeiros. Mas, nota que só aqui estarão para esse fim, e nada mais comprehendes?

—Comprehendo, mas, diz-me, como hão de fingir que casam com ellas?

—Tudo se ha de arranjar. Arranjar-se-ha um padre falso, como falsas hão de ser as testemunhas, e nada das quaes serás tu.

—Eu?

—Sim, tu. Porque não?

—Mais um crime a acrescentar aos que já te peçam na consciencia!

—Que me importa? mais um, menos um não faz pezo.

—Porque te não regeneras?

—E' impossivel. O vicio é uma cadeia cujos elos se soldam tão estreitamente que é impossivel partir um sem que os outros se não partam tambem.

—Porque não saes de Italia e vaes para outro paiz onde poderás ser adulado e encontrar uma posição invejavel, até um casamento com o nome que tens?

—Não, minha filha, é demasiado tarde.

«Tenho uma sede insaciavel de ouro e de gozos e só a vida que levo, vida de duas faces bem sei, me póde proporcionar esse ouro.

«Onde e como arranjar os meios para extinguir essa sede?

«Bem vês que é impossivel. Além d'isso, confesso-t'o, a minha natureza deleita-se com o sangue...

N'este momento, uma ligeira pancada na porta do gabinete interrompeu o dialogo.

—Entre disse a *signora* Gallina.

Apareceu uma das desventuradas que serviam aquella casa, dizendo:

—O *signore* Casino manda dizer ao sr. marquez que está tudo prompto.

—Bem, lá vou.

E o marquez saiu.

A *signora* Gallina, apontando para elle, disse á rapariga que entrára:

—Vês este homem? Pois apezar de ser marquez, é o mais infame dos homens.

CAPITULO V

A carruagem cellula.

Ao encontrar se em segurança, Harry arrependia-se de haver abandonado tão covardemente o seu mestre nas mãos dos inimigos, principalmente se a sua intervenção tivesse servido para apaziguar so animos e explicar o que acontecera.

A unica consolação que lhe restava era a de haver obedecido ás indicações do criminalista e que podia ser-lhe util para o libertar da prisão em que o iam encerrar.

No escuro recanto onde se encontrava resolveu seguir o desenrolar dos acontecimentos.

De subito viu que levavam de novo Sherlock Holmes para dentro de casa, conservando-se durante o bocado á porta, o chefe da policia o qual, depois de olhar em todas as direcções, levou um apito á bocca dando um signal.

Os individuos que estavam no salão da *signora* Gallina foram saindo pela porta do restaurante um a um, havendo d'ahi a um quarto de hora, se tanto, o maior silencio.

Poucos minutos depois de Casino ter dado signal, appareceu um seu subordinado, a quem elle dirigiu algumas palavras, o que fez com que o agente seguisse precipitadamente pela rua, entrando de novo Casino no restaurante, dirigindo-se para junto do criminalista inglez preso.

Harry Taxon aproveitou esses momentos, em que não se via pessoa alguma, para se approximar do restaurante e se occultar n'um recanto do portal de entrada, do qual podia vêr e ouvir, por uma grade da porta, o que se passava.

Depois de esperar algum tempo, ouviu-se o surdo ruido produzido pelo rodar de um vehiculo, que se approximava velozmente.

Pouco depois parava em frente do restaurante o carro cellular dos presos.

Sairam immediatamente o marquez e o chefe da policia, revelando nos rostos a maior satisfação.

—E' necessario revestir-me de valor e energia, pensou Harry Taxon. Tenho de pôr em jogo todas as minhas forças e habilidade para libertar durante o percurso o meu venerado mestre.

Tiraram do restaurante, como se conduzissem um fardo, o criminalista inglez e metteram-no no carro, enquanto os dois italianos esfregavam as mãos de contentamento.

Em seguida, subiram para o carrô o chefe da po-

licia e o marquez, pondo-se em movimento o vehiculo. Harry, para o não perder de vista, subiu para o eixo trazeiro, como costumam fazer os gaiatos.

Tomou a principio, o carro, a direcção do commissariado central de policia, mas depois de percorrer algumas ruas mudou de direcção.

O chefe da policia abriu uma das vidraças do carro e dera algumas instrucções ao conductor sobre o logar para onde se dirigiam e o caminho a seguir.

Em breve saíram de Palermo, seguindo por um caminho um tanto afastado que conduzia aos montes longínquos.

— Quem sabe, pensou o ajudante do criminalista, se esses dois malvados não quizerão proceder com o sr. Holmes, a quem com tanta razão receiam, como procederam com as duas desventuradas irmãs, fazendo-o desaparecer da face da terra?

A conversação que se entabou então entre o marquez e Casino veio confirmar tal supposição.

O chefe da policia dizia ao seu amigo:

— Esse homem tinha o intuito de nos dar um golpe de morte esta noite. Parece-me que o companheiro que com elle estava e até talvez o inglez que jogou commigo estavam ao facto das intenções d'esse assassino.

— Mas isso não impediu que me entrasse no bolso boa porção de notas do banco, replicou alegremente o marquez. Esta noite foi de ventura, como a anterior o fôra de inquietação e angustia.

«A unica coisa de que tenho pena é de não termos podido agarrar o companheiro do assassino de Luigi.

— Ao menos, esse está preso, disse Casino. Parece que é um inglez que tem certa importancia.

— Sim, é o mesmo que hontem conseguí roubar nos uma das suas compatriotas.

E, apoz uma pequena pausa, durante a qual estivera reflectindo:

— Desejava immenso saber com quem temos de nos haver e de que meios elle se valeu para poder penetrar em minha casa a fim de libertar Catalina.

— Ou muito me engano, disse Casino, ou temos em nosso poder o celebre criminalista inglez Sherlock Holmes, o que me enche de indizível alegria e satisfação.

«Nunca na minha vida poderia sonhar com um triumpho como este. Apenas me falta, para elle ser completo, que os jornaes o noticiem, o que ficaria consignado nos fastos da policia como uma verdadeira gloria.

— Não pensa no que diz, exclamou o marquez, porque o caso é de tal natureza que essa noticia nos custaria cara!

«O consul inglez reclamal-o-hia, e, ainda que assim não fosse, pelo menos poderia fallar com elle e n'esse caso estaríamos perdidos.

«Saber-se-hia, além d'isso, do seu desapareci-

mento e que estava em nosso poder, o que nos não convem, pois, em tal caso, os tribunaes interviriam, o que nos acarretaria serios desgostos.

«Só a ideia de que elle consiga fugir-nos me faz tremer como um vime, pois ficariamos perdidos.

«Ocorre-me uma ideia para evitar essa fuga.

— Diga-a e veremos o que se pôde fazer.

— Hoje mesmo tornaremos impossivel não só a fuga das duas jovens inglezas, mas ainda, e principalmente, a d'este homem.

— Muito bem pensado.

— Mas antes de chegarmos a esse extremo relativamente ás formosas inglezas, tentaremos todos os meios para vencermos a sua estúpida repugnancia e obstinação.

«O plano que imaginei para tal parece-me que deve dar magnifico resultado e expôr-lh'o-hei pormenorizadamente.

Sherlock Holmes poude vêr o signal trocado entre os dois cumplices, signal que o teria enchido de pavor se não estivesse habituado a desafiar a morte, ainda mesmo que tivesse erguido sobre si o punhal e o revolver que o iam eliminar do numero dos vivos.

Como os laços o apertavam com força, tentou o criminalista mover-se a fim de alargar um pouco as cordas que o magoavam, fazendo baldados esforços para tal.

A posição incommoda em que se encontrava causava-lhe taes dôres que desejava chegar quanto antes ao fim da viagem.

Harry Taxon continuação sentado na trazeira do carro.

Uma pequena tosse quasi imperceptivel que o joven Harry deixou escapar da garganta indicava a Sherlock Holmes que o seu amigo e ajudante estava proximo e que sabia tudo quanto contra elle se projectava.

Os dois italianos não deram por isso.

A satisfação do grande criminalista inglez foi grande, tão grande como a d'aquelle que, proximo da morte, vê acerocar-es de subito aqulle que o ha de salvar.

CAPITULO VI

Na masmorra dos esqueletos

O carro parou no meio do caminho.

Harry Taxon saltou do eixo e escondeu-se detraz d'uma arvore apeando-se d'ahi a pouco o marquez e o chefe da policia, que se affastaram algum tanto, sem

se lembrarem de fechar a portinhola do carro em que Sherlock Holmes ficava amarrado.

Imediatamente Harry saiu detraz da arvore e se dirigiu para o carro, mas no mesmo instante, como se tivessem lembrado do seu esquecimento, o marquez e o chefe da policia, que, como dissemos, se tinham afastado, voltaram.

Harry Taxon apenas teve tempo para tirar um punhal do bolso e emtello no cano d'uma das botas do criminalista escondendo-se em seguida do lado opposto, por detraz do carro.

D'ahi a momentos, este punha-se de novo em movimento, chegando, volvidos minutos, ao monte.

Os argenteos raios da lua illuminavam grandes e densos bosques, que pareciam ser o refugio dos criminosos.

Tudo causava pavor n'aquella solidão.

Mercê do luar, viu Harry Taxon que a pouca distancia do sitio onde se encontravam se erguia um edificio.

O carro dirigiu-se para ali.

O joven pensou com um certo desalento:

—Que sorte estará reservada ali ao meu amigo e mestre?

Mas, recuperando animo, replicou, como que respondendo a si mesmo:

—Se fôr o seu sepulchro, será tambem o meu.

Pelas palavras trocadas entre o marquez e o chefe da policia, conheceu Sherlock Holmes que estavam proximos da casa que ia ser a sua prisão e talvez o seu tumulo.

Sem perder o animo, nem mostrar o menor receio, ouviu os cruéis gracejos que os dois bandidos lhe dirigiram, esperando no valioso auxilio do seu ajudante Harry, que, como sabemos, elle sabia estar proximo.

Nada receiava relativamente a Harry, pois sabia perfeitamente que elle conseguiria occultar-se aos olhos dos seus sanguinarios inimigos.

No meio da situação em que se encontrava, não o abandonava o espirito de observação que lhe era proprio.

Pelos solavancos que o carro dava e pelas muitas arvores que via atravez da vidraça, deduziu elle que o caminho era pessimo, o que não obstava, porém, a que o cocheiro seguisse com toda a segurança, signal evidente de que havia já muitas vezes percorrido aquelles sitios para elle familiares.

Finalmente, o carro chegou ao bosque que circumdava a casa, atravessando depois por um atalho sinuoso coberto de arvores, até chegar em frente de uma grade de ferro.

O chefe da policia apeou-se e, tirando um apito do bolso, fel-o soar tres vezes seguidas.

Imediatamente as portas se abriam, deixando

passar o carro, o qual, depois de atravessar uma ponte de ferro, chegou junto da casa.

Era meia noite em ponto.

O carro parára em frente da porta. Apareceram dois homens a quem o chefe da policia deu ordens. Pegaram no criminalista e levaram no para dentro de casa.

Apenas haviam entrado, a porta fechou se immediatamente. Desamarraram então os pés ao celebre criminalista, não lhe desamarrando, porém, as mãos, nem lhe tirando a mordação.

Depois de terem percorrido um longo corredor, appareceram o chefe da policia e o marquez, que ordenaram aos que levavam Sherlock Holmes que descessem uma escada que ali havia.

Como a escuridão era grande não havia luz alguma que illuminasse o local, o chefe da policia tirou do bolso a sua lanterna electrica com a mão direita, enquanto na esquerda levava um grande molho de chaves.

Encontrando uma porta de ferro, que estava fechada, e que impedia a passagem, Casino adeantou-se, abrindo-a, servindo-se para isso d'uma das chaves que levava na mão.

Seguiram por um pequeno corredor, chegando em frente d'uma nova porta de ferro, que o chefe da policia abriu, depois de ordenar que o seguissem os que conduziam o prisioneiro.

A luz da lanterna electrica o criminalista poude vêr qão horrorosa era a prisão onde o iam metter.

Encontrava-se n'uma masmorra subterranea, com aneis de ferro no solo e cadeias do mesmo metal na parede. Nas paredes viam-se reluzir fios de agua, que inundavam o pavimento.

O frio era ali insupportavel.

Ao vêr ali mettido o celebre criminalista, Casino deu uma gargalhada estrondosa em signal de victoria, olhou para elle com ar de desdem e saiu, fechando a porta atraz de si.

Não haviam ainda decorrido muitos minutos quando o celebre criminalista notou que algem se aproximava.

—Quem será? perguntou Sherlock Holmes anciadamente. Será já Harry Taxon, que vem prestar-me auxilio?

«Não, não é possivel.

«Serão os executores da sentença de morte proferrida contra mim?

«Talvez assim seja. Quem será?

Antes da porta ser aberta, ajoelhou, conseguindo, apesar de ter as mãos amarradas, tirar o punhal que Harry lhe havia escondido no cano da bota.

A porta abriu-se, apparecendo ante os olhos de Sherlock Holmes o deslumbrante brilho da lanterna electrica.

E o que a trazia entrou na masmorra.
Era o chefe da policia de Palermo.

Vinha radiante pelo triumpho que alcançára. Parecia vir no proposito de escarnecer da sua victima, pois apenas entrou, disse em tom zombeteiro, fitando o criminalista:

—Muito bem, *signore*, vamos travar um combate de vida ou morte: o senhor ficará com a morte e eu com a vida. Considero-o já como um cadaver. Quem se atreve a lutar com Tomaso Casino perde a partida e a vida.

«Para que saiba que não tenho medo das suas respostas, vou tirar-lhe a mordaca, que lhe não permite fallar.

E, approximando-se de Sherlock Holmes, tirou-lhe effectivamente a mordaca.

Logo que ponde fallar, o criminalista disse:

—Não vejo que a minha situação seja tão desesperada como affirma.

—Não? replicou Casino, dando uma gargalhada. E' então muito optimista; pois quer-me parecer que não terá dois dias de vida, nem sequer um.

—Esquece-se, Casino, de que sou cidadão inglez e que as suas leis nada podem contra mim.

—Se não fugir, não poderá deixar de morrer. Não matou um homem? perguntou o chefe da policia, tentando por esse meio capcioso occultar o mobil da sua vingança.

—Essa pergunta não vem a proposito, replicou Sherlock Holmes. Além d'isso, quer arrogar-se o privilegio de vingar a morte dos seus semelhantes sem outra forma de processo além das suas affirmativas não corroboradas por provas, affirmativas feitas apenas para occultar as suas vis paixões?

«Se quer proceder com motivo, apenas lhe direi, para descargo de consciencia, que a minha presença na casa do marquez obedeceu ao desejo de salvar das mãos de um tyranno a preciosa vida de uma indefeza joven e restituir-lhe a liberdade.

«Atravessou-se-me no caminho um homem que tentou impedir pela força que eu levasse a cabo a minha tarefa de salvação, valendo-se para tal de meios violentos.

«Estava, pois, no direito de me defender do aggressor, que não passava de ser um malvado ou de ser um pobre homem enganado por aquelle a quem obedecia.

«Os tribunaes dirão quem teve razão, e um juiz que seja justiceiro imputará a responsabilidade da morte d'esse homem, não a mim, mas a si e ao seu companheiro e amigo o marquez.

Casino, não podendo responder a argumentos tão convincentes e irrefutaveis, exclamou, furioso:

—Sei que se chama Sherlock Holmes e não Fullerton; como se inscreveu no registo do hotel. Admi-

ro-me que Sherlock Holmes profira palavras semelhantes. Julguei que fosse um homem rasoavel e ponderado e que me não respondesse com injurias, mas, pelo que vejo, estava em erro, não sendo mais que um d'esses troca-tintas que, para se justificarem, injuriam aquelles que os prendem.

—Pois eu não extranho nem o seu procedimento nem as palavras que me dirige, replicou o criminalista com a maior tranquillidade. Não podia proceder de modo differente um bandido como é o chefe da policia de Palermo.

E, accentuando as palavras: —Advirto-o de que me dá vontade de rir a sua arrogancia.

Casino enlivedeceu de raiva.

—Nem sempre ha de rir, exclamou elle. Eu é que hei de rir em ultimo logar e o ultimo que ri é quem ganha a partida.

—Veremos quem será o ultimo a rir, replicou o criminalista. A mão de Deus peza sobre os criminosos.

—Não decorrerão muitas horas que o não veja, disse o chefe da policia. Mas, se se obstinar em não querer responder ao que lhe vou perguntar, abreviarei a hora da execução.

«Vae dizer-me como soube que miss Catalina estava em casa do marquez e que foi que essa joven lhe declarou contra mim e o meu amigo.

«Que lhe hei de responder? replicou Sherlock Holmes. Se eu fallasse, não me acreditaria, visto que ha apenas uma testemunha. Para que as minhas palavras tivessem algum valor seria necessaria uma acção com miss Catalina.

«Os meus intuitos eram os mais nobres: proteger uma opprimida e dar-lhe a liberdade.

—Nada mais tem a dizer? perguntou Casino, rindo cynicamente.

—Nada mais, e saia immediatamente d'aqui, pois só a sua presença envenena o ar que me rodeia, disse o criminalista, olhando desdenhosamente para o seu inimigo.

—Não sabe dizer outra coisa?

Sherlock Holmes nem sequer olhou para o itali-

no... Furioso, Casino deitou um olhar de odio aquelle que, embora em seu poder, se atrevia assim a affrontal-o, e saiu da humida masmorra, fechando atraz de si a pezada porta de ferro.

CAPITULO VII

Em procura do criminalista

Harry Taxon deliberára levar a sua temeridade a ponto de libertar o seu mestre e amigo.

No momento em que o carro parou em frente da grade de ferro, deitou-se de baixo d'elle, atravessando as pernas nos eixos das rodas.

Poude assim, sem ser visto, penetrar no jardim que rodeava o edificio.

Depois de terem tirado o criminalista do carro, viu para onde o levavam.

A porta fechára-se, é certo, mas o cocheiro dirigira-se para uma que estava aberta, desaparecendo d'ahi a pouco no interior.

Era preciso aproveitar a occasião.

Saiu de sob o carro e encaminhou-se com a maior cautella para essa porta, onde se não via ninguém. Avançou até encontrar outra, que estava fechada e era illuminada fracamente pela luz que ao corredor dava a fresta de uma sala proxima, na qual se ouviam fallar muitas pessoas.

O animoso joven abriu a porta com o auxilio de uma gazuza que levava, fechando-a logo que entrou.

Não podia ter encontrado sitio mais apropriado para as suas observações.

Ouvia-se d'ali o que se dizia na sala proxima, e d'uma janella que deitava para um pateo viam-se as janellas dos aposentos subterraneos.

Sem difficuldade alguma Harry Taxon poude escutar o seguinte dialogo dos que se encontravam proximo d'elle:

— Parece que o nosso chefe fez hoje uma captura de primeira ordem. Vê-se que é sujeito de importancia, visto que o mandou metter na masmorra dos esqueletos, segundo me contou Filippo, que foi um dos que para ali acompanhou o prisioneiro.

— Contaram-me, dizia outro, que se deu uma scena em estremo tragica quando o prenderam em casa da signora Gallina. Ao que me disseram, esse homem não sairá mais d'aqui, pois creio que o chefe e o marquez andaram no caso com extrema estupidez.

— Estupidez? disse uma terceira voz.

— Sim, estupidez, replicou o que fallara. O que está preso, ia com um companheiro, a quem não puderam agarrar. Além d'isso, é do dominio publico que as duas raparigas que os nossos chefes prenderam, ha semanas, são victimas de criminosos.

« O que se deu agora em casa da signora Gallina

relacionado com o desaparecimento d'esse homem e o das duas jovens, talvez faça abrir os olhos a alguém e nos jornaes appareçam noticias, fazendo com que o marquez seja apontado como auctor d'esses crimes.

— E's um covarde, replicou um outro, e um assustadigo. Reflecte, no que vou dizer-te: quem é que ha de perseguirnos? A policia? Mas se a policia está a nosso favor! Por acaso o seu chefe não está á nossa frente?

« As duas raparigas estão aqui encerradas e ninguém conhece esta casa como sua prisão, pois que uma d'ellas foi libertada n'outra casa do marquez.

« E parece-me, e talvez me não engane, que finalmente essas duas raparigas vão ceder da sua obstinação e por isso nada teremos a receiar por esse lado. Devem fazel-o, pois são muito bem tratadas.

— Ellas estão melhor do que nós, disse um dos bandidos. Viev'n nas mais lindas salas do palacio, tratam-nas como princezas e o marquez e o chefe da policia fallam-lhes com a maior amabilidade.

« A postaria fôsse o que fôsse em como n'este momento ellas estão no primeiro andar com os nossos chefes regalando-se com uma ceia magnifica.

— Pódes affirmal-o, replicou outro. Parece que os chefes se propuzeram convertel-as em donas da casa...

— Ah! Donas da casa?

— Sim. São tão galanteadores para com ellas como podiam sel-o amantes apaixonados.

— Oral Se ellas são tão bonitas!

— Ouvi dizer que o marquez anda a arranjar uns papeis que lhe sirvam para occultar a verdadeira nacionalidade e os nomes d'ellas, podendo assim servir-se das duas raparigas para os seus planos.

— Esse modo de proceder não nos convem, disse outro bandido. Até agora, com o ganho obtido nas nossas excursões apanhávamos algum dinheiro, mas agora, com a despeza que fazem para tratar essas duas raparigas não temos uma de X.

— Não digas tolices!

— Tolicies? Tu é que não sabes o que dizes. Se não temos dinheiro, é porque, de ha tempo para cá, os negocios não teem corrido bem.

— Ora adeus! Para nós é que elles não correm bem. Agora lá para os chefes, as coisas são diferentes.

— E' verdade o que dizes, disse outro bandido, intervindo na conversa. E, se não, vejamos. O marquez anda como um principe, come e bebe do melhor tem bellas amantes, joga o que quer e diverte-se, n'uma palavra.

— Sim, é verdade, clamaram algumas vozes. Nós é que rebotamos com trabalho e elles é que gozam.

— Caluda! disse um com voz auctoritaria. Se o chefe ouve, estamos arranjados.

—Olha o covarde!

—Fôra com o bajulador!

—Quem tem medo compra um cão!

—Que me importa que me onçam?

—E a mim ha de isso fazer-me muita moçal!

—Pois, sim, sim, mas vocês bem sabem que com os chefes não se brinca. Quem não é por elles é contra elles e já não é o primeiro que paga com a vida o ter a lingua comprida de mais!

—Isso ha de acabar-se, mais cedo ou mais tarde.

—Mas emquanto se não acaba, o melhor é fallarmos d'outra coisa.

—Sim, tens razão, fallemos n'outra coisa.

—Fallaste bem. Acabem as discussões.

—Apoiado. Vamos a outro assumpto.

A conversação tomou outro rumo, que nada de interessante offercia, pelo que Harry saiu da sala onde estava, dirigindo-se para a masmorra dos esqueletos, que ficava, ao que tinha ouvido dizer, no subterraneo.

O joven seguiu pelo corredor e parecendo-lhe que uma porta que ali se via dava para o subterraneo, abriu-a com a maior cautela. Viu uma escada que dava para o subterraneo.

La desceu-a, quando notou, no fundo d'ella, um homem que, pela attitude em que se encontrava, julgou fôsse um guarda.

Não teve outro remedio senão voltar para traz, tendo a sorte de não ser visto pelo guarda.

Vendo que não podia realizar a tenção que formára de ir á masmorra dos esqueletos, resolveu dirigir-se ao pateo, a fim de examinar o exterior do edificio e verificar se haveria algum indício de no primeiro andar estarem as duas jovens.

Talvez pudesse descobrir algum meio para as vêr ou, pelo menos, para subir a esse andar.

Com a maior ligeireza pôz em execução o seu projecto, abrindo com auxilio d'uma gazuza as portas que lhe impediam a passagem.

Minutos depois, o audacioso joven estava no jardim.

Os argenteos raios da lua caíam a prumo sobre atalhos e alamedas, algumas das quaes estavam cobertos de erva, como se ha muitos annos não tratassem d'elles.

A principio, Harry andava muito devagar, para não fazer barulho, e olhando para todos os lados, a fim de não ser surpreendido por algum bandido que estivesse de guarda, mas não demorou que se convencesse que não havia ali viv'alma e que podia ir para onde lhe apossesse.

Afastou-se um tanto para examinar a fachada.

No primeiro andar viam-se tres janellas abertas e illuminadas, estando apenas uma das quatro que esse andar tinha ás escuras.

Não eram muito altas essas janellas e a escalada era facil.

La fazel-a, quando pensou que era conveniente primeiro saber quem ali se encontrava.

Afastou-se alguns passos e subindo a uma arvore proxima poude observar que no interior da sala a que essa janella correspondia se encontrava uma joven muito formosa e muito bem vestida.

O que viu causou lhe indizível alegria. Era o primeiro passo para libertar a joven.

N'uma torre, o relógio deu horas.

Harry contou-as.

Eram duas da noite.

Pouco depois pareceu-lhe ouvir as vozes de uma mulher e de um homem que conversavam, sem poder, porém, ouvir o que diziam.

O ruído d'essas vozes provinha de outra sala do primeiro andar, differente d'aquella que podia vêr da arvore em que se encontrava.

Desceu d'esta e subiu á que estava mais proxima da sala onde se conversava, podendo, assim ouvir, logo que chegou ao cimo do tronco, o que a voz da mulher dizia:

—De modo algum. Tanto o senhor como o seu cumplice são uns malvados e prefiro morrer a servir de instrumento dos seus criminosos planos.

—Ha de arrepender-se, miss Catalina, replicou uma voz, que, ao que parecia, era a do chefe da policia. Ceda da sua obstinação e seja razoavel. Não nos obrigue a empregar meios violentos, que repugnám aos sentimentos que abrigamos a seu respeito.

—Eseusa de gastar palavras inuteis, clamou coleccionica, a joven. Não acredito em nenhuma das suas promessas. Disseram-me que havia de vêr minha irmã e até agora ainda não tive esse prazer.

—Ha de vê-la, replicou Tomaso Casino, mas quero que acceda a tomar parte nos planos que o Marquez lhe propoz.

—Bem, consinto, exclamou ella, dando um fundo suspiro, mas só com a condição de que cumpram a sua palavra.

—Em breve se convencerá de que a sabemos cumprir, replicou o chefe da policia.

—Já mais d'uma vez me prometteram vê-la, mas até agora, não sei se ella é viva ou morta.

—Está viva e bem viva, garanto lhe.

—Porque me não deixam então fallar lhe?

—Porque até agora não tinha ainda accedido aos nossos desejos.

—E agora?

—Vae l'á d'aqui a pouco, mas ha de prometter-me que usará da sua influencia sobre ella para a resolver a acceder ao que queremos.

—Sim, prometto-l'h'o, mas vá depressa, porque estou impaciente por a vêr e abraçar.

—Recommendo-lhe, porém, que não brinque conosco, porque se arrependera se tal fizesse.

A joven soltou um fundo suspiro.
E, em voz em que se notava uma certa irritação, retorquiu:

—Como havia de brincar, estando eu em se poder?

—As mulheres ás vezes são tão pouco razoaveis!...

—Mas não quando vêm a morte deante dos olhos!

—Ainda bem que me comprehendeu perfeita-mente.

—Oh, sim, comprehendi e de mais.

—Ora já vá para que serve o resistir-nos. Não podia ha mais tempo ter feito o que queriamos?

—Não tenho pensado bem.

—Bem. Agora vou tratar de lhe satisfazer os desejos.

—Vá e que não se demore.

—Esteja descansada. Far-lhe-hemos todas a vontades. Todos lucraremos com isso. Nós, que poderemos assim realizar grandes projectos, e a senhora e sua irmã, que terão em nós dois amigos sinceros, mais que amigos, adoradores apaixonados.

Harry Taxon viu o italiano afastar-se e, abrindo uma porta, desaparecer, observando que elle se dirigira para outra das salas do primeiro andar cuja janella estava aberta.

Poucos minutos depois, Harry viu abrir-se de novo a porta do aposento onde miss Catalina estava, entrando o chefe da policia acompanhado da joven que Harry já tinha visto.

As duas jovens correram a abraçar-se, assim que se avistaram, estreitando-se demoradamente.

Passado o primeiro transporte de alegria entre as duas irmãs, miss Catalina exclamou em tom energico:

—Não nos deshonraremos até ao ponto de querermos servir de juguete de prazer e como objecto de reclamo para uns criminosos exploradores que querem valer-se da honra alheia para enriquecerem.

—Não só approvo o que minha irmã acaba de dizer, disse por seu turno a outra joven, que, como sabemos, se chamava Jane, mas acrescentarei que nem sequer quero ser esposa d'esse homem sem pudor e sem consciencia.

«Tanto o senhor como o seu digno companheiro, causam-me funda indignação quando me fallam no amor que me tem. Essa palavra na sua bocca é uma infamia. Prefiro a morte ao seu amor.

—Veja como falla, miss Jane! exclamou Casino, irritado.

—Se tivesse a felicidade de livrar-me do captivo em que estou, pode crer que o denunciaria im-

mediatamente e ao seu criminoso amigo, que não pas- sam de vulgares bandidos e assassinos.

—Mais cuidado com a lingua!

—Nem o seu logar nem a sua posição evitarão o justo castigo que merecem. Se a justiça humana não os castigar, ao menos tenham medo de Deus, a cuja justiça ninguém pode fugir.

—Ora adeus! A justiça de Deus é uma palavra vã...

—Talvez não seja. Não fallo apenas por fallar. Tenho provas dos seus crimes. Li cartas, documentos escriptos pelos senhores, que farão fé em qualquer tribunal.

—Basta de lamentações, exclamou, furioso, o chefe da policia. Accedam ao que lhes propuzemos e se- parão nossas esposas, não lhes faltarão nem riquezas, nem creadas, nem gozos.

«Sejam razoaveis e guardem segredo de tudo o que viram e nada terão que desejar para serem felizes.

—Não! disse miss Catalina.

—Não! disse miss Jane.

—Dou-lhes uma hora para reflectirem. Se ao fim d'esse prazo não resolverem conforme com os nossos desejos, irão fazer companhia ao seu infame seductor, inglez, e morrerão todos no meio dos maiores tor- mentos.

—Criminosos sem consciencia, deshumanos! disse, irada, miss Catalina. Tambem não lhes causa pavor o derramar o sangue de um homem innocente?

«Vil calumniador! Esse homem apenas tentou li- bertar-me da tyrannia de dois infames bandidos!

—Cala-te, falladora, ordenou Casino em voz au- ctoritaria. Dou-lhes uma hora para pensarem no fu- turo. Tem a sua sorte nas mãos.

E, sem acrescentar palavra, voltou as costas ás duas jovens e saiu, fechando a porta á chave.

Harry observou que o chefe da policia entrava d'ahi a momentos n'outra sala, dirigindo-se a alguem que ali estava e que, naturalmente, era o marquês.

Não haviam ainda decorrido muitos minutos quan- do soou uma campainha, apparecendo immediatamente um creado.

O chefe da policia perguntou-lhe:

—Estás preparado, Lorenzo?

—Sim, senhor, respondeu o interrogado. Vou im- mediatamente á masmorra dos esqueletos e farei ali o que me disseram.

—E fal-o com a maior rapidez, disse-lhe o mar- quês.

—E com limpeza, acrescentou o creado.

—Se executares bem a tua missão, receberás uma boa recompensa,olveo o chefe da policia, mas conta com teres que haver-te com um homem agil e de força.

—Emquanto a isso não ha quem commigo rivali-

se. E a prova é que me chamam Goliath, retorquiu Lorenzo.

E Harry Taxon ouviu o sair da sala, o mesmo fazendo, passados instantes, o chefe da policia e o marquez.

Harry apressou-se a descer da arvore e escalou a parede com facilidade, devido á pouca altura que o primeiro andar tinha, conseguindo entrar pela janella da sala d'onde os tres bandidos tinham saído.

Ao chegar ali, reflectiu no que devia fazer. Libertaria primeiro o seu mestre e amigo ou as duas irmãs?

—Ellas por agora não correm perigo, pensou elle, o que já se não pôde dizer do sr. Holmes, que, d'aqui a momentos, terá sido victima do seu dever ou terá conseguido matar o seu inimigo.

«Com certeza que isso succederá se elle poude libertar-se dos seus laços com a ajuda do punhal que lhe dei no carro, mas se o revistarem antes de o encerrarem na masmorra, terá de morrer indubitavelmente.

«Além d'isso, se consigo libertal-o, seremos dois para resistir aos inimigos, tornando-se, assim, mais provavel o triumpho.

Resolveu por isso seguir aquelle a quem cognominavam Goliath, para que este lhe servisse de guia, sem o saber, ou sequer o suspeitar, para a masmorra onde estava o criminalista.

Sem perder tempo, mas não fazendo barulho, precipitou-se para a porta da sala, seguiu pelo escuro corredor, mal illuminado por uma fraca luz, como se viesse de longe, de alguém que levasse na mão uma lanterna.

Na extremidade do corredor via-se uma escada, no fundo da qual um homem fazia ruido com um molho de chaves para abrir a porta.

Harry Taxon desceu as escadas.

*

*

Depois de Casno ter saído da masmorra e haver tido o dialogo que relatámos com Sherlock Holmes, todos os esforços d'este tenderam a quebrar os laços que o amarravam, a fim de resistir áquelle ou áquelles que viessem para o matar.

Approximou-se do luar que entrava na masmorra pela grade que se via em cima e segurando com a bôca no punhal que o seu ajudante lhe dera, começou a servir-se d'elle para cortar as cordas que o amarravam.

Essa operação durou muito tempo, devido não só á pouca luz que havia, mas ainda pela pouca ou ne-

nhuma força que podia fazer com os dentes para cortar as fortes cordas.

A acrescentar a isso, havia ainda o cuidado com que tinha de proceder para se não ferir.

Quando pouco lhe faltava para cortar as cordas, ouviu um ruido longinquo.

Seria o carrasco que se acercava para executar a sentença?

A ansiedade que d'elle se apoderou fez com que apressasse a operação.

Deu um golpe violento com o punhal e fez um esforço supremo para terminar a obra.

Ficou com os movimentos livres. No mesmo instante, ouviu alguém approximar-se da porta, metter uma chave na fechadura e, dando volta, abrir.

A pessoa que entrou era um homem corpulento que levava uma lanterna no bonnet e alguns punhaes e revolvers á cinta.

Antes que elle pudesse ter visto onde estava o preso, o criminalista dava um pulo e applicava-lhe tão violento pontapé no ventre que o deitou por terra sem sentidos.

Atou umas ás outras algumas das cordas que cortára com o punhal, amarrou o italiano e dirigiu-se para a porta da masmorra, que ficára aberta, levando as chaves, as armas e a lanterna do que ali ficava amarrado.

Ao chegar á porta, viu que alguém se aproximava.

Era imminente nova lueta.

Escondeu-se atraz da porta, á espera, com a lanterna collocada de modo a poder reconhecer aquelle que entrasse.

Apenas o recém-vindo penetrou na masmorra, o criminalista, cheio de alegria, sain do logar onde se encontrava, exclamando alvoroçadamente:

—Tu aqui, meu fiel Harry?

CAPITULO VIII

Os tumulos na capella do castello

Sherlock Holmes estava radiante, repetindo:

—Tu aqui?

—Sim, sr. Holmes, respondeu Harry, apertando-lhe affectuosamente a mão, louvado Deus, torno a vê-lo.

«Não pôde imaginar que desejos tinha de o encontrar.

—Sim, meu bom Harry, imagino.

—Metti-me n'este labyrintho para o procurar. Serviu-lhe para alguma coisa a arma que lhe metti no cano da bota?

—Para muito, Harry, disse o criminalista. Era o melhor instrumento que podias entregar-me para eu mesmo conseguir a liberdade e me poder também defender.

E tornou a apertar com o maior affecto a mão do seu joven ajudante, accrescentando:

—Como, porém, não estamos ainda livres de perigo, é necessario servirmo-nos d'estas armas que tirei a esse bandido que ahí está, para nos defendermos dos ataques de que sejamos alvo.

—Pela minha parte, voltou Harry Taxon, venho bem fornecido. Tenho aqui magnificas pistolas Browning.

—Muito bem, nada temos então a receber.

—Tenho que lhe dar uma boa noticia, sr. Holmes.

—Sei onde ficam os aposentos das duas irmãs suas protegidas, que estão também aqui, n'este castello.

—Já o suspeitava, disse o criminalista. Pelo que vejo é aqui o ninho dos abutres.

—E é necessario que vamos socorrer-las o mais breve possível, pois, se nos demoremos, talvez cheguemos tarde.

—Vê-se que não dormiste enquanto aqui permaneste, disse o criminalista.

Harry tirou a sua lanterna electrica do bolso e começou a seguir pelo escuro corredor, seguido pelo criminalista, até chegar á porta que conduzia á escada que dava para o primeiro andar.

Ao parar o ajudante para a abrir, perguntou-lhe Sherlock Holmes:

—Onde ficam os aposentos das duas irmãs?

—No primeiro andar.

—Como conseguiste sabel-o?

Em poucas palavras, Harry narrou o que lhe sucedera desde que penetrára no castello, assim como o que ouvira ao chefe da policia e ás duas irmãs.

A temeridade d'estas e a crueldade e perfidia de Casino fizeram encolerisar o criminalista e incutiram-lhe ainda maior desejo de proteger as pobres irmãs e castigar os bandidos.

Chegaram ao primeiro andar, sem encontrarem ninguém, nem ouvirem o minimo ruido.

Parecia a mansão da morte.

O facto causou certo espanto tanto a Harry Taxon como a Sherlock Holmes.

—Aproximaram-se de uma porta que a Harry pareceu ser a da sala onde as duas irmãs estavam.

Bateram devagarinho. Não obtiveram resposta.

Olharam pela fechadura. A sala estava envolta em escuridão.

Harry serviu-se da gazua e abriu a porta.

A' luz da lanterna appareceram os luxuosos moveis que adornavam a estancia em grande desordem.

Era um signal inilludível da resistencia e da luca que as duas irmãs tinham sustentado com os brutos criminosos antes de serem arrancadas d'ali.

Sherlock Holmes examinou attentamente o aposento e notou que na janella havia algumas gottas de sangue, que salpicavam o chão, até chegarem a uma parede.

N'esta, n'um certo ponto, via-se como que uma especie de nodosa feita pela impressão da ponta d'um dedo.

Não havia a menor duvida. Uma das jovens, ao vêr-se na impossibilidade de resistir aos ataques d'aquellas feras, quizera precipitar-se, no seu desespero, da janella abaixo, recebendo, ao impediem-lho os criminosos, um murro no nariz.

O que lhe batera, arrastára-a até aquella parede. Aquelle ponto salpicado de sangue era com certeza uma mole.

O criminalista carregou com o dedo n'esse ponto, abrindo-se a parede, como se lhe tivesse tocado a mão de um mago.

No aposento para que dava accesso essa mysteriosa porta, viam-se gottas de sangue, como de alguém que o ia derramando enquanto ia caminhando.

O criminalista pegou na lanterna electrica do seu ajudante e seguiu o caminho que o sangue lhe indicava. Encontraram uma escada e um amplo e sinuoso corredor, onde as gottas de sangue continuavam. Percorreram-no até chegarem á entrada gothica de uma capella.

—Será possível, exclamou Harry, que aquelles bandidos tenham consummado a sua iniquidade? Tel-as-hão forçado a darem o seu consentimento para serem suas esposas?

—Coisa alguma nos pôde maravilhar da parte d'esses criminosos, respondeu Sherlock Holmes.

Na capella avistava-se, atravez do orificio da fechadura, uma luz fraca, mas não se notava o menor signal de vida.

Como as gottas de sangue acabavam ao chegar á porta, era signal de que os criminosos ali haviam entrado.

Por meio da gazua Harry Taxon abriu a porta, penetrando os dois immediatamente na capella. Não se via ali a mais ligeira gotta de sangue. Sobre um altar ardiam algumas velas...

O criminalista foi examinando cuidadosamente a capella, sem notar coisa alguma que lhe revelasse por onde os criminosos se tinham sumido com as suas victimas.

Ficaram silenciosos e immoveis, para poderem ouvir qualquer ruido que se produzisse.

Decorridos uns cinco minutos, ouviam uma voz, ao que parecia de mulher, que gritava.

O criminalista applicou o ouvido para saber d'onde vinha essa voz e pareceu-lhe que era de detraz do altar. Aproximou-se d'ali e viu no pavimento, rente do altar, uma especie de alçapão muito bem dissimulado.

Fez um signal a Harry para que o seguisse e, levantando o alçapão, desceram uma pequena escada que ia dar a um curto e escuro corredor, que terminava n'uma porta que estava aberta.

Era d'ahi que saiam os gritos.

Do meio da escada podia vêr-se o que se passava.

O criminalista e Harry pararam, apagando a lanterna electrica. Viram duas jovens com os cabellos desgrehados e os vestidos meio rasgados. Eram as duas irmãs e em frente d'ellas, em attitude ameaçadora, estavam Tomaso Casino e o marquez.

O chefe da policia, furioso, dizia n'esse momento: — Querem satisfazer os nossos desejos, sim ou não? Faço-lhes esta pergunta pela ultima vez. Não podemos já conter a nossa impaciencia.

E em voz ainda mais alta:

— Querem ser nossas esposas e jurar segredo, mas absoluto segredo sobre tudo o que sabem a nosso respeito?

— Não! respondeu *miss Catalina*.

— Se accedem ao que lhes propomos, poderão gozar uma vida cheia de ventura e felicidade. Se se obstinam na recusa, não lhes damos nem uma hora de vida.

— Matem nos, exclamou Jane. E' preferivel mil vezes a morte a dar o meu coração a um infame, indigno do ar que respira.

— Não sejas teimosa, replicou Casino. Essas fanfarronadas de nada te servem. A morte é mais negra do que imaginas.

— A morte! repetiu *Catalina*.

— Dão-te a escolher, d'um lado o goso, a riqueza, as honras, d'outro a morte. Vamos, tenham juizo, que escolhem?

— Já o disse, bandido, replicou Jane.

— Por ter dó de ti, repito-te ainda: pensa e reflecte bem. Não ha perdão se não quizeres acceder ao que te proponho.

— Não, não, tres vezes não.

N'esse momento, o marquez adeantou-se.

Em voz soturna disse:

— Dêmos-lhe ainda tempo para reflectirem.

— Para quê? exclamou Casino, furioso. Basta de comedia e tiremos a mascara. Se não quizerem fazer o que queremos, só a morte é nada mais que a morte as poderá libertar das nossas mãos.

— Sim, preferimos a morte á deshonra. Infames, bandidos! exclamou Jane.

E, n'um impeto de loucura, precipitou-se furiosa

contra o chefe do policia, tentando agarrar-lhe com as mãos a garganta.

Que podia, porém, a sua fraqueza contra a força d'aquelle malvado?

Este libertou-se com a maior facilidade da pressão da fraca mulher e, arredando a com violencia, disse em tom colérico:

— Queres então brincar commigo? Vaes vêr quanto custa o resistir ás vontades do chefe de Policia de Palermo.

— De um bandido, de um infame como tu nada ha esperar.

— Serei bandido, sim, mas quando desejo uma mulher, quando quero possuil-a, ha de ser minha.

— As tuas compatriotas talvez te queiram. Nós, as inglezas, fazemos outro conceito da honra. Matar-me-hia até se a tua baba pegonhata me manchasse, immundo reptil.

— Vaes custar-te caro o que dizes.

— Não tenho medo de ti, bandido. Estou prompta a morrer. Que me importa mesmo a morte, se ella é a libertação, se é o unico modo de não morrer de horror e de vergonha!

— Pois não has de levar a tua avante, exclamou o bandido. Vaes morrer, mas primeiro has de saciar os meus desejos. Pódes gritar á tua vontade e fazeres todos os esforços para te oppões ao que quero. Tudo será inutil.

A um signal que lhe fez, o marquez afastou uma cortina vermelha que occultava toda a parede da frente.

Aos olhos das duas desventuradas jovens appareceu um espectáculo horrivel. Viram dois athalides metallicos, proximo dos quaes havia varios tumulos, uns occupados, outros vazios.

As duas irmãs, aterradas, soltaram involuntariamente um grito de espanto e de angustia.

Antes de Jane ter voltado a si da sua estupefacção, sem lhe dar tempo a que visse o que ia fazer, o chefe da policia pôz-lhe uma mordaca na bocca, com a força de um verdadeiro selvagem, apertando-lhe em seguida a garganta.

A pobre *Catalina*, angustiada e cheia de medo, mal podia ter-se em pé, nem soltar um unico grito. Quasi louca de terror, aproximou-se do marquez, como que para lhe pedir protecção, sem se lembrar de que elle era tão infame como o seu cumjante.

Sherlock Holmes fez um signal ao seu ajudante. Ambos, de revolver em punho, precipitaram-se, correndo, para a estancia onde o drama se desenrolava, procurando não fazer ruído.

Os dois criminosos, distrahidos em querer em abusar das suas victimas, não viram que alguem entrava até que sentiram que se precipitavam sobre elles.

O embate foi tão violento que ambos rolaram pelo

chão, assim como *miss Jane*.

Sherlock Holmes ameaçando-os com o revólver obrigou-os a conservarem-se quietos, enquanto Harry Taxon os amarrava de pés e mãos.

Terminada essa operação, foi o proprio Sherlock Holmes quem correu a tirar a mordaca a *miss Jane*, que estava desmaiada. Ergueu-a e sentou-a n'um pequeno banco.

Miss Catalina precisava tambem de ser soccorrida. Applicando-lhes ás delicadas narinas o cheiro d'um frasco que Harry trazia no bolso, conseguiram que as duas desventuradas irmãs voltassem a si.

Imediatamente *miss Catalina* reconheceu o seu salvador e ambas, apertando as mãos de Sherlock Holmes e de Harry Taxon, agradeceram com palavras calorosas o beneficio que acabavam de lhes prestar.

—O que precisamos, disse o criminalista com affabilidade, é servirmo-nos do carro que para aqui me conduziu e sairmos quanto antes d'este maldito castello.

«As senhoras irão conosco para Palermo.

«E esses bandidos tambem ainda esta noite para a cidade serão conduzidos, a fim de receberem a justa recompensa dos dois crimes.

Ordenou a Harry que fôsse verificar se havia vigilância ou se seria facil a fuga.

Não haviam ainda decorrido cinco minutos quando Harry voltou com a noticia de que todos os bandidos dormiam a somno solto, depois de se haverem embriagado, o que se via pelos restos da orgia a que se tinham entregado.

Sem duvida o marquez é o chefe da policia, para

solemnisarem a captura de Sherlock Holmes, e contando triumpharem da resistencia das duas jovens, tinham dado licença aos seus sequezes para um lauto banquete...

Sem estorvo de especie alguma, dirigiram-se as duas formosas irmãs para Palermo, acompanhadas do criminalista e de Harry Taxon.

Acompanhados de alguns creados do hotel, os dois inglezes voltaram ao castello.

Levaram, amarrados, o marquez, o chefe da policia, Lorenzo, e o cocheiro que para ali havia conduzido Sherlock Holmes.

No dia seguinte de manhã, toda a população de Palermo, sabia pelas edições successivas dos jornaes, da maravilhosa captura dos bandidos do castello e do apparecimento das duas formosas inglezas que haviam sido sequestradas algumas semanas antes.

Além dos que haviam sido presos pelo criminalista, as autoridades prenderam alguns companheiros e amigos do marquez, e do chefe da policia, entre os quaes merece especial menção a *signora Gallina*.

Casino e o marquez de Jacopo foram condemnados a morrer no cadafalso. Os cumplices foram condemnados a alguns annos de trabalhos forçados.

Sherlock Holmes acreecentou mais um florão á sua coroa de gloria.

FIM

Ler no proximo numero:

A estalagem dos mortos

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Armando Dubarry)

O Amor nos suas diversas manifestações, regeu, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nos a vida contemporânea.

E tudar as aberrações a que as paixões desvaíram conduz m os homanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que subordinou no título geral *Desequilibrados do Amor*, e nos que os vicios contra natura, o hermaphroditismo, a hysteria, a depravação e a-sumpptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* acha-se publicado o primeiro volume:

O Feticchista

Devendo seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no pré-o:

- Os Invertidos
- O Hermaphrodita
- O Mysterica
- Os Flagellantes, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

500

REIS

Novidade Litteraria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Saussay
1 vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Militante romance d'aventuras galantes

Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos
I A Paschoa de Formosura—II Chammas de voluptuosidade—III Noah, terra da luxuria—IV Pela senda do amor—V Beijo supremo
1 eleg. vol. em 8º com artistica capa a 8 côres 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia-amador

Unico rival de Sherlock Holmes

Esta serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes ímpunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres-policias |
| 6 Um attentado terro i ta | 23 Um milhão de francos |
| 7 A creanga martyr | 24 As bravatas de um Yankee |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa sui ída | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um d'ama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O seorio do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O espólicia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O urt'cran o dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir um a mulher |
| 17 Duas facanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 REIS cada volume = Serie completa, 2.000 rs.

LIVRO DE LEITURA

para a 4.ª classe dos Lyceus
1 volume illustrado 400 rs.

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

photogravuras de pagina
600 reis

Colleção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatuno da alta roda, por Maurice Leblanc (Esp.). 2. O Homem Mysterioso, Guy de Tiramond. 3. O tunulo de velo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Golscoorthy. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladros, Henry A. Hering. 8. A Agulha Oca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grande romance policial. A. O. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. SIB. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Régnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sombra mysteriosa, por Feigus Hume.

350 rs. Cada vol. in-4º, contendo a materia de um volume grosso vol. in-8º, de 300 rs. 350

Dr. PEDRO GUERDER

O MEDICO POPULAR

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que resente da falta de conhecimentos de medicina.

Um volume 8º gr. illustrado, de 226 paginas e 1 appendice

Preço 700 rs. Elegantemente cartonado. Preço 700 rs.

Collecção Galante Illustrada

EXPLENDIDOS ROMANCES DE AMOR
COM MÁGNIICAS PHOTOGRAVIURAS

A publicação mais barata de Portugal

Volumes publicados a 300 rs.

I Memorias de uma mulher bonita, por E. Feydeau (2.ª edição).—II e III Veneno dos labios, por René Emery.—IV Deusa do amor, por Jean Valgore.—V Estroinices de mulher, por Jean de Merlin.—VI e VII As sacerdotizas de Mylitta, por Jane de la Vaudère.—VIII Supremo abraço, por Victorien du Saussay.—IX Flôr de Volupia, por Saint-M. dard.—X O peccado da baroneza, por Victor Jozc.—XI Tormentas de amor, por Guy de Têramond.—XII Noites de prazer, por Victorien du Saussay.—XIII Hora propria, por René Emery.—XIV Virgens em flôr, por René Emery.—XV Voluptuosidades imperiaes, por Guy de Têramond.—XVI Furor amoroso, por Saint-Médard.—XVII O Harem de Syta, por Jane de la Vaudère.—XVIII Amante ideal, por Victorien du Saussay.—XIX Manobras conjugaes, por Theodoro Cahu.—XX Biblia do amor, por René Emery.—XXI As mulheres dos outros, por G. de Têramond.—XXII As que escorregam, por Theodoro Cahu.—XXIII Delirios da carne (Amores de uma freira), por Victor Nadal.—XXIV Educação amorosa, por René Maizeroy.—XXV Rainhas d'Alcova, por Amadeu Boyer.—XXVI Sereia, por René Maizeroy.—XXVII As ultimas bacchantes, por Jean Gravini.—XXVIII—O menino bonito, por Jean Valgore.—XXIX—Vivvas ardentes, por Victor Jozc.—XXX—Amantes femininos, por Adrienne Saintange.—XXXI—O conquistador de criadas, por Paul Perrin e Robert Francheville.—XXXII Os Espinhos do adulterio, por Victorien du Saussay.—XXXIII Ninhos d'amor, por René Schwaebel.—XXXIV Os que ellas fazem, por F. Aubier.

Em preparação

XXXV—AS MANAS VACHETTE

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23—LISBOA

MEMORIAS D'UMA PARTEIRA

Assumpção empolgante

O livro mais discutido em França, onde causou enorme sensação

Um grosso volume, edição de luxo, com bella "roa artistica 600 réis

Prazeres secretos do amor

peço dr. Jaff

Um grosso vol. ed. de luxo, 600 rs.

Invasão Amarella

pelo capitão DANRIT

Um irre-istivel movimento da raça mongolica, uma terrivel convulsão dos povos que habitam a Asia lançará dentro de poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela estrada secular das antigas invasões amarellas, Chinezes e Japonezes correrão á conquista da velha Europa, ferozes e implacaveis guerreiros de Attila e Tchengis Kan! Na

A Invasão Amarella a par das situações verdadeiramente empolgantes de que o auctor d'esta grandiosa obra enriqueceu o seu maravilhoso livro, fere-se tambem nella, com inexcidivel mimo, a nota sentimental, baseada n'um amor que leva aquelles que o partilham a prat car os mais audaciosos actos de heroismo.

60 rs. contendo sempre um episodio completo Cada numero rs. 60

Numeros publicados

- 1 O Rei do Pacifico.
- 2 O Phantasma do Oriente.
- 3 Em S. Petersburgo.
- 4 Em c-7 minho de ferro.
- 5 Sobre um vulcão.
- 6 Na zona interdita.
- 7 Anjo e demónio
- 8 O Campo dos Supplicios.
- 9 Aventuras d'um reporter.
- 10 Illusões perdidas
- 11 A vaga humana
- 12 Amor louco
- 13 O espectro do passado
- 14 Supplicio d'um paço
- 15 Missão terrivel.
- 16 A fuga para o Ca-pio.
- 17 A batalha russa.
- 8 Em Moscow.
- 10 Morte do ultimo Hohenzollern.
- 20 (e ultimo) De Berlin a Paris.

ESCOLA DO VICIO

romance realista

por VICTORIE

du SAUSSAY

Edição de luxo, n'um volume in-8º grande, 700 rs.

A Guerra nos Ares

por G. A. WELLS

bem no seu bello livro. «A GUERRA NOS ARES», o entrecho amoroso que to na todos os episodios palpitanes de s n-timento e adorados do publico as personagens chamadas a desempenho no empolgante drão a os papeis mais sympathicos e os que nas falam ao cor ção. sec...s d'amor, de heroismo levado até o'sacrificio, de nobre patriotismo de absoluta creença e de profunda fé no edial que visam.

60 reis Cada numero contendo um episodio completo reis 60

Volumes publicados

- 1 A vespa gigante.
- 2 Os derviches do deserto.
- 3 A armada aerea.
- 4 O Combate no A lantico.
- 5 O ataque a Nova-York
- 6 A batalha aerea
- 7 A luta mundial
- 8 A morte do principe Karl-Albert.
- 9 (e ultimo) Epilogo d'uma tragedia

Actualmente, os romances de aventuras extraordinarias e os romances de observação, cheios de imprevisto, de situações altamente d amaticas e emocionantes, de mãos dadas com todos os rogradimentos scientificos, com todos os grandes problemas que agitam a humanidade substitui- to na a novella senti- ental, piegas, que noutro tempo fe as delicias dos nossos maiores.

O assumpto principal desta magnifica obra, resume-se na luc a tremenda entre as potencias que actualmen e se impõem ao mundo pela supremacia da força.

Wells, o auctor desta inconfundivel produção n'õ descuro tam